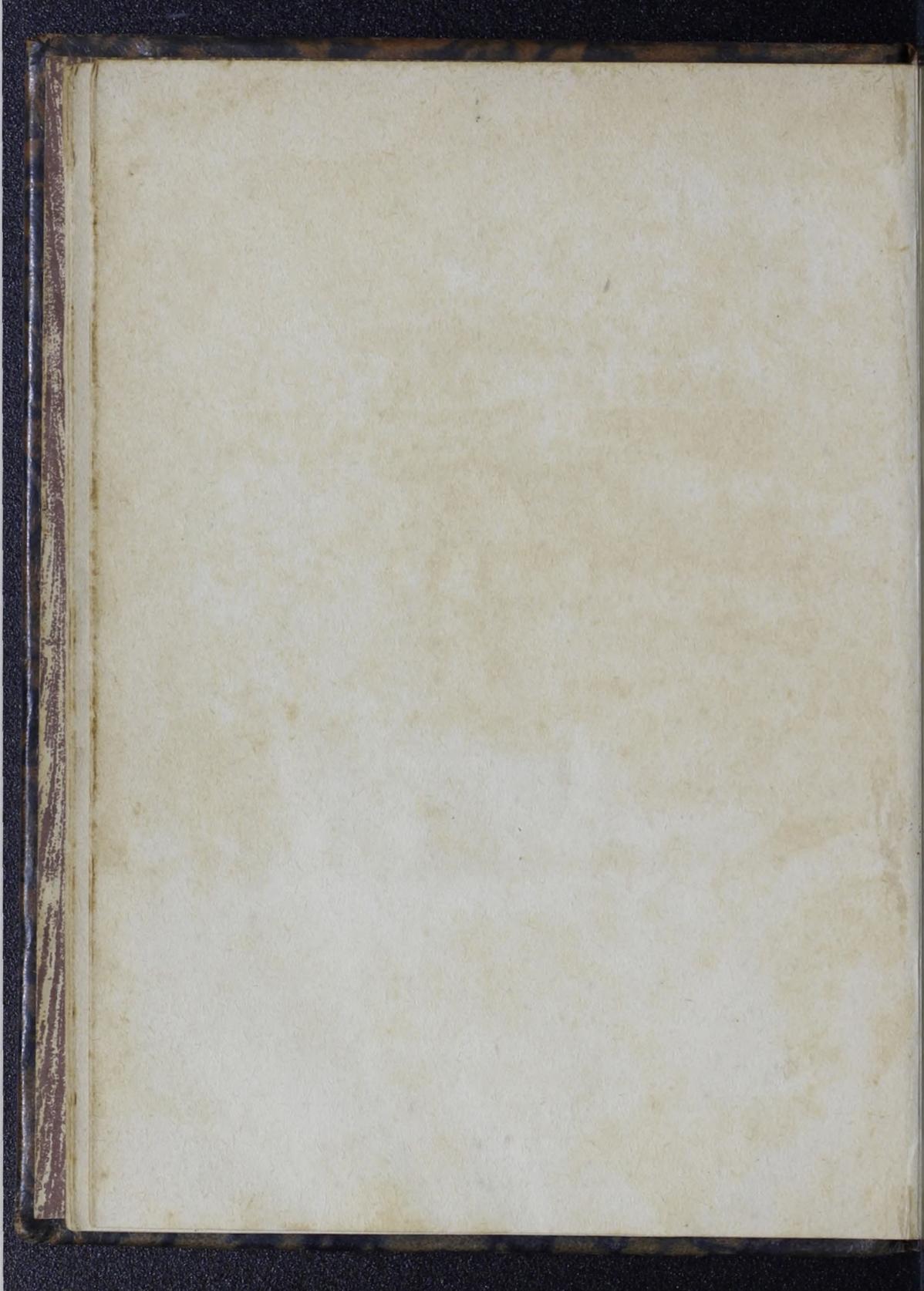


BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES L..."

Tombo N.º 1071





A  
IRMÃ ANNA

DRAMA EM CINCO ACTOS

EXTRAHIDO DO ROMANCE DO MESMO TITULO

DE

PAULO DE KOCK

POR

SEBASTIÃO LISBOA

Approvado pelo Conservatorio Dramatico  
e com o visto da Policia

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENS LESSA"

Tombo N.º 1077

MUSEU LITERÁRIO

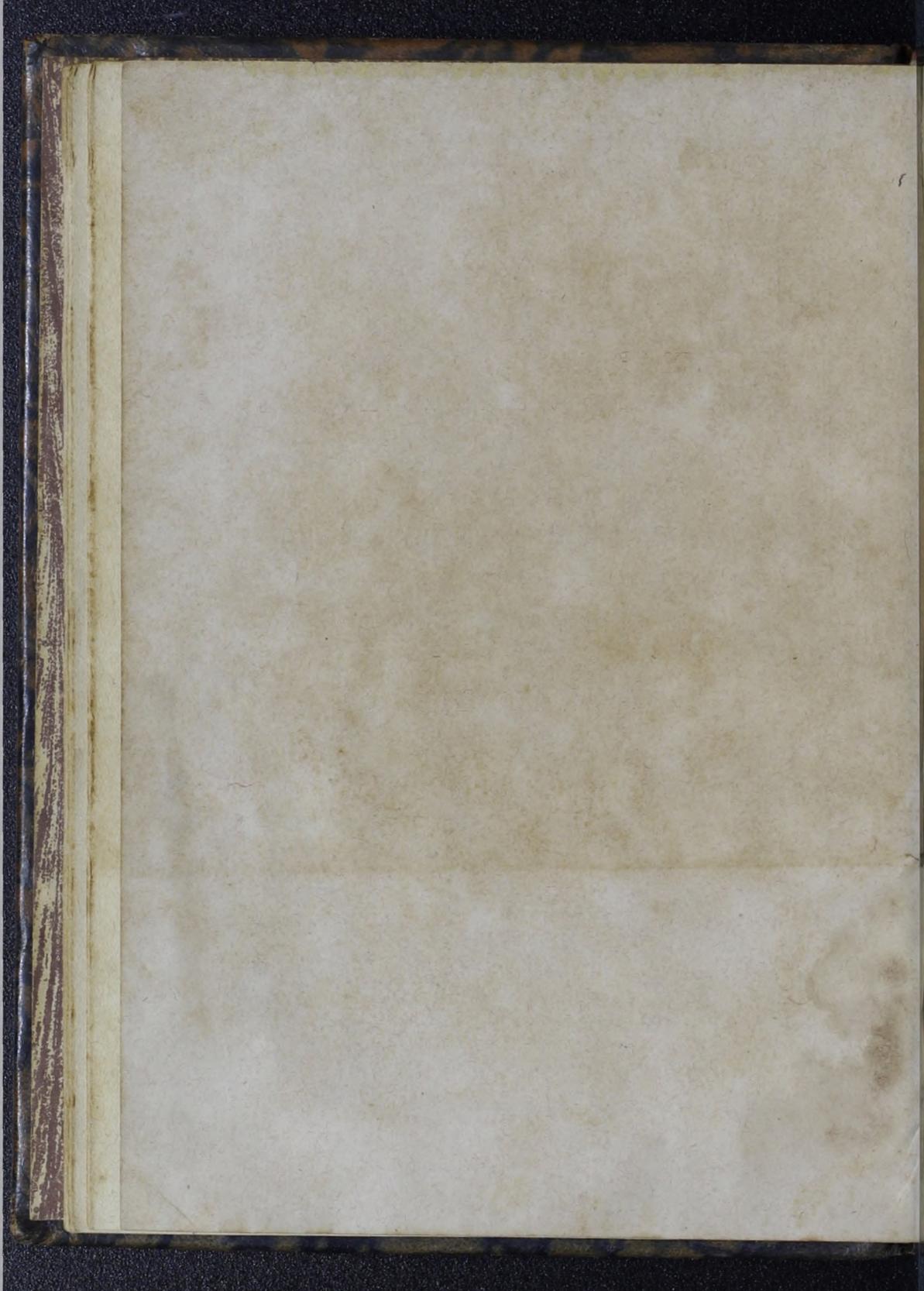
NICTHEROY

Typ. Florindo de Souza Siqueira

RUA DO VISCONDE DE URUGUAY 154

1891





A  
IRMÃ ANNA

DRAMA EM CINCO ACTOS

EXTRAHIDO DO ROMANCE DO MESMO TITULO

DE

PAULO DE KOCK

POR

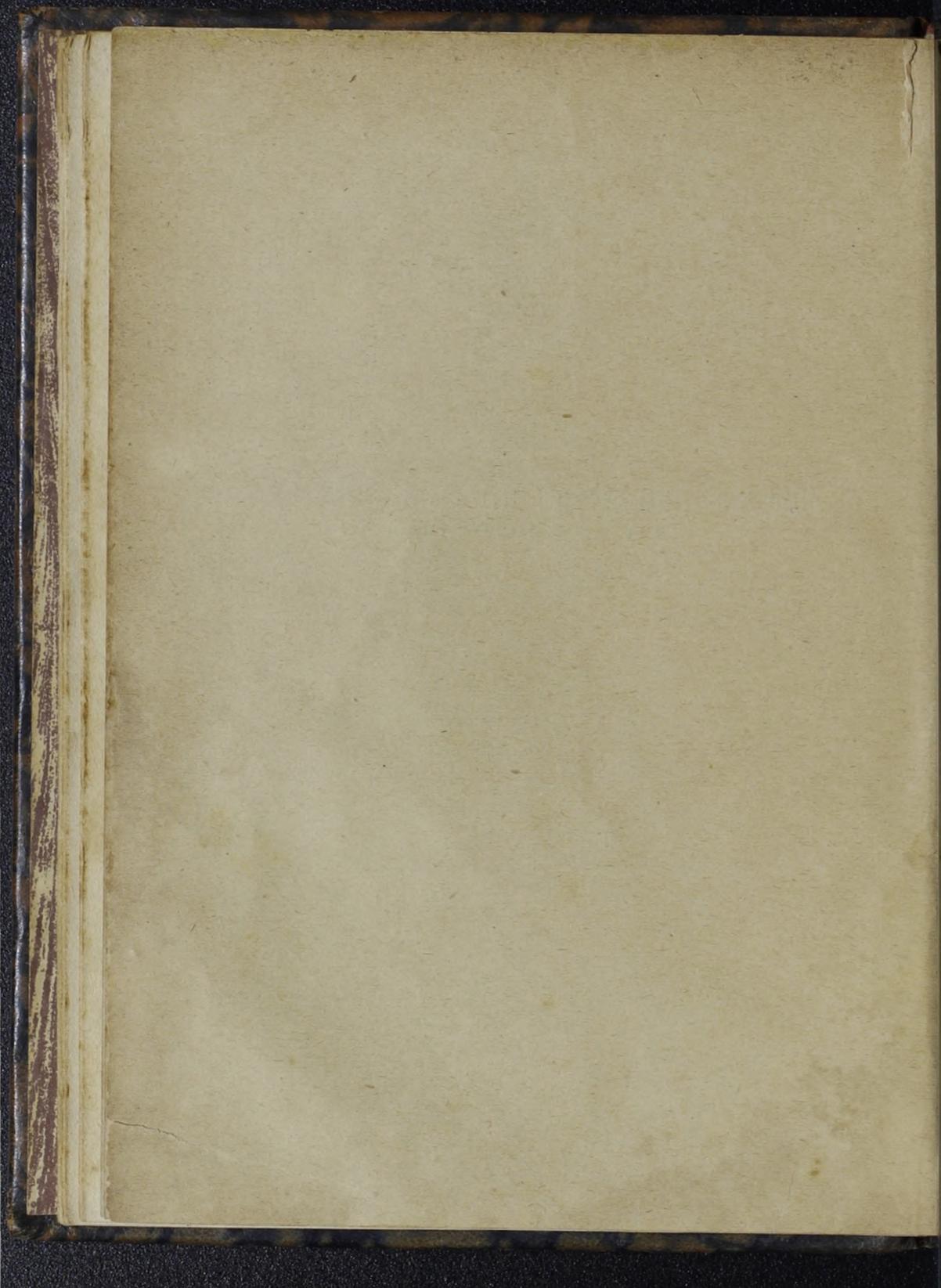
SEBASTIÃO LISBOA

Approvedo pelo Conservatorio Dramatico  
e com o visto da Policia

---

Os direitos de representação e reimpressão são reservados

Representado pelo Club Dramatico Kean.  
em 3 de Janeiro de 1891

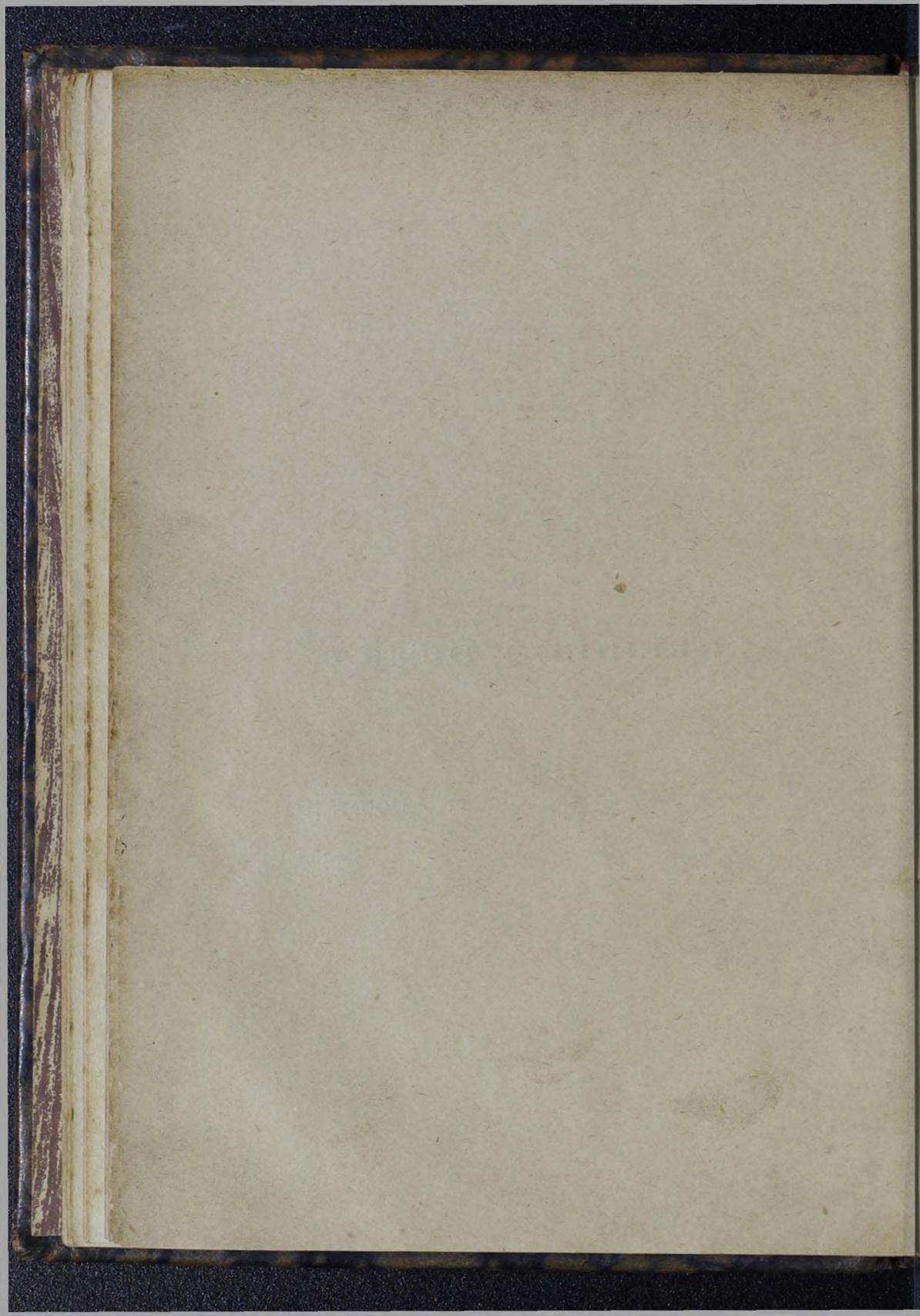


A

**GREGORIO DUTRA**

O Auctor.

25-9-90.



## PERSONAGENS

CONDE DE MONTREVILLE.

FREDERICO, seu filho.

GENERAL VALMONT.

CONSTANÇA, sobrinha deste.

DUBOURG, folgazão.

MENARD.

A IRMÃ ANNA.

UM MENINO, seu filho.

ALDEÃO.

LEROUX.

THIAGO.

CHRISTINO.

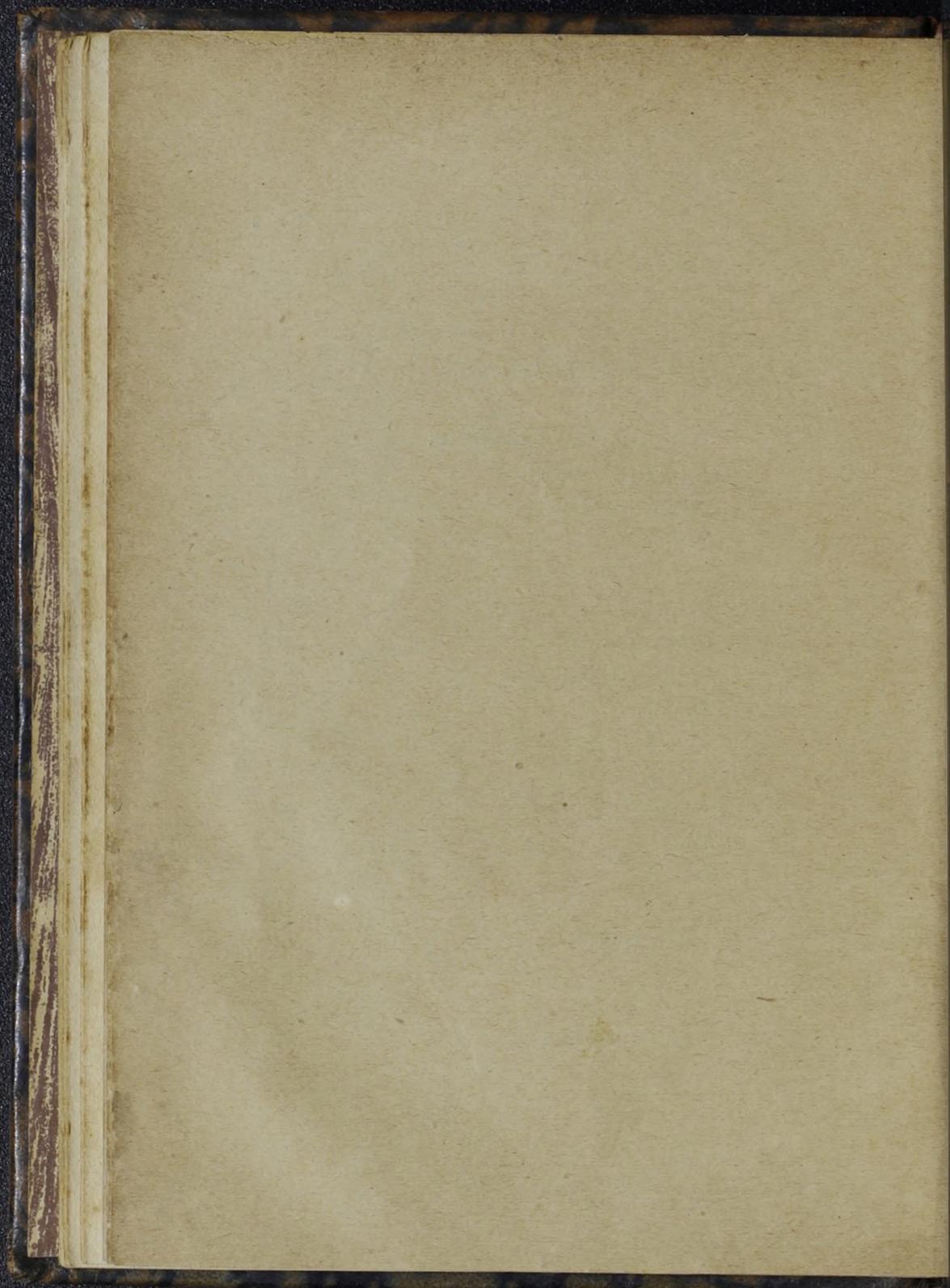
PEDRO.

FRANCK.

CREADO.

SALTEADORES.

A acção em Pariz no anno...



## ACTO I

O theatro representa uma scena de bosque. Ao fundo corre um regato. Junto a este, está a irmã Anna, sentada n'um banco e pensativa. Outros bancos ornam a scena.

### SCENA I

DUBOURG (*apparece logo depois que o panno sobe*)

Eis-me enfim chegado!...

Devido á minha astucia e ao plano por mim engendrado e posto em execução, o resultado foi superlapoticamente feliz! O Sr. de Montreville, comquanto dissesse ao filho, que a minha companhia lhe seria prejudicial, porque me tem em má conta, e lhe dêsse para companheiro de viagem, um tal Menard, seu preceptor, todavia não obstou que eu realisasse o meu intento e seguisse par-i-passo Frederico, o felizardo que em breve o estreitarei nos meus braços! Oh! Credores!... Credores!... Raça damnada, que só nos deixa quando tombamos á sepultura!... Sim, porque se não fosse essa cafila de tratantes, a esta hora estaria eu gozando as delicias da grande Pariz... berço da civilisação...

Mas onde diabo metteu-se Frederico... vamos procural-o... (*Sae pela esquerda do actor.*)

**SCENA II**FREDERICO E MENARD *(pela direita)*

MENARD

Ora graças a Deus, Sr. Frederico, que podemos dizer que nos achamos fóra de perigo!... Devo confessar que o embate das duas carruagens foi terrível... Aquella em que vinhamos ficou bem convidada... A outra, se nada soffreu, foi devido á agilidade de seu conductor... d'um desconhecido, que necessariamente deve dirigir-se para aqui, pois que apeou-se...

FREDERICO

Ah! Sr. Menard! o que me dava cuidado era a sua pessoa... corria tal risco... quasi que o vi saltar fóra da carruagem!...

MENARD

Mas com o favor de Deus achamo-nos livre de perigo... Mas quem seria essa alma bem fazeja que veio em nosso auxilio?...

FREDERICO

Alguma pessoa que tambem viajava, e que o acaso fez que nos acompanhasse... Não nos encomodemos de procural-a, Sr. Menard... fique certo que o tempo proporcionar-nos-ha esse ensejo.

**SCENA III**

OS MESMOS E DUBOURG

DUBOURG

Não os pude encontrar... *(reparando.)* E' o Sr. Frederico de Montreville...

FREDERICO

Ora esta! E' o senhor!... O senhor...

DUBOURG

(*Correndo a abraçal-o e em voz baixa.*) Barão de Potoski...

FREDERICO

E' o Sr. barão de Potoscki!

DUBOURG

Eu mesmo Sr. Conde... Mas que feliz encontro... (*abraça-o de novo e reparando em Menard.*)

Terei acaso a honra de estar na presença do senhor seu pai?!

FREDERICO

(*A custo e sorrindo.*) Não Sr. barão; mas para mim é um segundo pai... apresento-lhe o Sr. Menard, meu preceptor.

DUBOURG

O Sr. Menard! O que! Pois é o Sr. Menard! Quantas vezes tenho eu ouvido citar o seu nome! *O primus inter pares dos preceptores!* Que satisfação que me causa o conhecê-lo! *Tandem felix*, Sr. Menard; uma vez que o vejo. (*Apertando-lhe a mão.*)

MENARD

Que honra, Sr. barão... que honra... (*a Frederico.*) Então conhece o Sr. de Potoscki?

FREDERICO

(*Sorrindo.*) Se conheço! Somos amigos intimos... Ora este Dubourg...

MENARD

Como? Dubourg?!

DUBOURG

(*Atalhando.*) Sim, era o nome que eu usava em Pariz, onde era obrigado a conservar o mais rigoroso incognito, por estar encarregado pelo meu governo, de missões secretas e delicadissimas.

MENARD

Compreendo... compreendo...

DUBOURG

Meu caro Frederico, o melhor é continuar a chamar-me Dubourg; foi com este nome que travei conhecimento com o senhor e por isso ha de sempre ser-me caro. (*Menard vae sentar-se.*)

FREDERICO

(*A meia voz.*) Olha que o meio que empregaste para te juntares comigo, foi um tanto violento! Por pouco que me não mataste e ao pobre Menard.

DUBOURG

O culpado foi o imbecil do postilhão; tinha lhe dito que me tombasse o trem ao passar junto de ti, mas o maroto preferio derrubar o teu... Isto contrariou-me muito, porque contava ir na tua carruagem, tendo pelo contrario de offercer-te a minha, o que não é a mesma cousa. Mas não importa! Deixa o caso por minha conta; já vejo que me ha de ser facil dominar o pobre do Menard. O que é necessario é que não te esqueças principalmente de que sou o barão Potoscki, paladino de Rava e de Sandomir. Já estive a ponto de estragar tudo chamando-me Dubourg, felizmente soube reparar isso; mas não tornes a fazer cousas semelhantes, aliás serei obrigado a viajar sem ti.

FREDERICO

(Alto.) Sim... Sr. barão!...

DUBOURG

(Alto.) Mas como ia dizendo, fallando ainda da carruagem... Todos os meus parentes a veneram tanto como eu... é uma carruagem de familia.

Quando meu pai sahio da Cracovia, n'um momento de perturbação, encerrava essa modesta berlinda seis milhões, tanto em ouro como em pedraria; era um resto de sua riqueza, com a qual se queria retirar para a Bretanha, onde se come excellente manteiga e nata deliciosa. (*Frederico faz por conter o riso, Menard que já se tem levantado ouve-o attentamente.*) Bem comprehende, Sr. Menard, que se tenha amizade a uma carruagem que recorda tão honrosos feitos. Bem sei que não é moderna. O logar onde eu vinha sentado, foi occupado pelo rei Stanisláu.

MENARD

Eu participo dos seus sentimentos a esse respeito. Sr. barão. (*A irmã Anna, ergue-se, eleva os olhos para o céu e depois sae.*)

DUBOURG

Obrigado a conservar o incognito, não trouxe ninguém do meu sequito, e confesso-lhe que me não acho peor por isso, que detesto o estado, a etiqueta, a ostentação. Em viagem prescindindo de tudo isso, sou homem da natureza, gosto de viver como simples observador. Mas a proposito, meu caro Frederico, não lhe perguntei ainda para onde vae... seria indiscrição?...

## FREDERICO

Não... ausento-me de Pariz, porque não achava alli senão mulheres insensíveis, que não comprehendiam o meu modo de amar.

## DUBOURG

Ah! meu caro amigo! Vejo que não sabe amar á moderna e observa os moldes antigos que dão em resultado os Romeus essencialmente romanescos, profundamente sentimentaes. Percebo n'essa resolução uma certa paixão amorosa, mas para todo o mal ha remedio, e felizmente estou eu aqui, que com a ajuda do Sr. Menard o farei restabelecer em pouco tempo. Não é verdade, Sr. Menard, que precisamos curar Frederico de sua loucura?

## MENARD

Não me compete, Sr. barão, emiscuir-me em taes particularidades; e demais penso, que a esse respeito, ha tudo a desculpar ao Sr. conde; bem sabe o que disse Séneca: « non est magnum ingenium im mixtura dementia. »

## DUBOURG

E' uma verdade incontestavel! Até os homens mais celebres tem as suas fraquezas! Alexandre III, o grande, o generalissimo de toda a Grecia, o mais poderoso homem do seu tempo, que teve força para ser declarado filho de Jupiter, amava em excesso as bebidas alcoolicas a ponto de embriagar-se frequentemente. Enéas, o heróe da « Eneida » de Virgilio, que fundou cidades, que carregou ás costas os deuses *penates*, consentia ser conduzido aos infernos, pela Sybilla de Cumas. Maximiliano, cujos feitos lhe conquistaram o titulo de poderosissimo, o vencedor de Frederico, o celebre

Maximiliano, que regeitou um imperio, tinha tal predilecção pelos melões, que não podia vel-os sem os devorar; foi uma indigestão da fructa que o arrebatou para o outro mundo. Autiocho, rei da Syria, um homem pratico, que apenas soube ter sido o irmão. Demetrio III, apresionado pelos Parthas, empolgou-lhe a corôa, era dominado pela phantasia, que vestio-se de Baccho, para agradar a Cleopatra, que dava o cavaquinho pela folha da parreira. Assim pois Sr. Menard, sou da sua opinião; não ha nada de assombroso que Frederico tenha um coração sensível.

## FREDERICO

Eu não tenho destino determinado. A minha intenção é visitar os paizes que nos recordam factos interessantes, ou foram berço de homens illustres.

Agradã sempre pisar a terra onde nasceu o genio que sobreviveu a tantas gerações. Em tudo que então nos rodeia julgamos achar sempre o homem que illustrou o seu paiz natal. Emfim, meu amigo, é pela Italia que começaremos a nossa digressão.

## DUBOURG

Autem! E' o mesmo que me succede. O meu desejo é correr mundo, de modo que acrescente algumas luzes aos meus fracos conhecimentos. Que adoravel idéa! Se nós via-jassemos juntos?

## FREDERICO

Ser-me-hia muito agradável.

## DUBOURG

Palavra de honra, que foi um bello acaso o nosso encontro! Que prazer o de viajar com o meu intimo amigo,

conde de Montreville, e com o sabio Menard; de poder aliar ás suas as minhas reflexões, com os conhecimentos de um professor tão distincto! (*Menard curva-se.*) Que satisfação a de percorrer em sua companhia aquella antiga Roma e a soberba Genova; de trepar com o Sr. Menard ao cimo do Vesúvio e até de descer á Cratéra, se nisso não houvesse perigo! Que agradável cousa visitar com um amigo o túmulo de Virgílio, e a gruta do Cão, e de subir com um sabio á rocha Tarpéa. Que gosos nos esperam na Suissa, n'aquelle paiz de Guilherme Tell; n'aquelle berço da liberdade, em que os costumes conservaram toda a pureza, atravéz das tempestades revolucionarias!... e que excellentes queijos, Sr. Menard... mas que queijos... não lhe affirmo com tudo que valham os da Bretanha... paiz encantador, semeado de bosques, entrecortado de prados e de magnificas pastagens. Que formosas que são alli as vaccas, Sr. Menard. Na Suissa não é raro comer-se um queijo que conte 15 ou 20 annos; os helvecios tem o talento de o conservar por um tempo indeterminado...

MENARD

Deve ser melhor que o nosso Roquefort. (*Anna apparece de novo e vae occupar o seu logar.*)

DUBOURG

Olhe Sr. Menard, uma vez que viaja commigo, hei de fazer-lh'o comer mais de uma vez.

FREDERICO

O que diz Sr. Menard?

MENARD

Não vejo o minimo obstaculo em viajarmos com o

Sr. barão; e na primeira posta, escreverei ao Sr. conde, ao meu pai, participando-lhe o feliz encontro que tivemos e que elle não póde deixar de applaudir...

DUBOURG

Nada, nada! não faça tal. E' necessario não dizer ao Sr. conde uma unica palavra a tal respeito. Eu, como lhe disse, viajo incognito, não quero que saibam para que lado dirijo os meus passos. O meu governo quer nomear-me embaixador á Porta, mas a mim importa-me pouco tal dignidade.

O Sr. conde poderia fallar por inadvertencia, e dentro em pouco toda a França saberia o caminho que segui... E' preferivel não dizer nada...

FREDERICO

Tambem sou da sua opinião. Para que se ha de fallar disto a meu pai? Não me permittio elle ampla liberdade, pedindo ao Sr. Menard que me acompanhasse como amigo e não como preceptor? de certo que viajando com o Sr. barão, não posso deixar de dar prazer a meu pai.

Mas com a alegria de saber que me acho em tão boa companhia não resta a minima duvida de que revelaria o incognito, e o resultado seria o barão ver-se obrigado a deixar-nos.

MENARD

Com effeito... comprehendo que... contudo se...

DUBOURG

*(Tirando do bolso uma caixa de rapé.)* Reconhece-a, meu caro Frederico? é a mesma que lhe mostrei em Pariz.

FREDERICO

Ah! conheço-a muito bem. *(Affasta-se para o fundo)*

*para conter o riso e reparando em Anna que o contempla também, fica perplexo.)*

DUBOURG

*(A Menard.)* E' este um objecto precioso para mim. *(Saboreando uma pitada.)* O Sr. Menard não é capaz de adivinhar a quem pertenceu esta singularissima caixa de rapé?!

MENARD

Não, Sr. barão.

DUBOURG

Pois assim mesmo, no estado em que a vê, não a trocaria por uma de ouro... Esta caixa, Sr. Menard, foi do rei da Prussia.

MENARD

Do rei da Prussia?

DUBOURG

Sim, do grande Frederico, o qual, como sabe, gostava tanto de rapé, que muitas vezes o trazia mesmo solto no bolso, o que não obstava a que tivesse também caixas singularissimas, como tudo que lhe pertencia. Foi elle quem presenteou-a a meu pai, de quem a herdei!

MENARD

Ah! Sr. barão... se me atrevesse a pedir-lhe... *(Faz com os dous dedos geito de querer uma pitada, e depois de sorvel-a com muito gosto, dá tres espirros e diz consigo:)* Decididamente é inutil escrever ao Sr. conde... *(Alto.)* Mas Sr. barão, segundo parece viveu por muito tempo na Bretanha?

DUBOURG

Estive muito tempo, estive, Sr. Menard... Trouxe de lá gratissimas recordações... E os campos?! Que belleza! Anda-se muitas leguas fóra de uma cidade sem que deixe de haver as agradaveis sombras, os caminhos floridos que tornam a Bretanha um jardim continuo.

MENARD

E então a Polomia, Sr. barão!

DUBOURG

A Polomia tem de certo grande merito! já lá estive, Sr. Menard?

MENARD

Nunca tive essa honra!...

DUBOURG

Hei de fallar-lhe d'ella muitas vezes!

MENARD

Deve ser um paiz curiosissimo!...

DUBOURG

Muito curioso, pithoresco e interessante. Temos principalmente os montes krapack, ao pé dos quaes não passa o monte Ceniz de uma collina... Eu possuo um castello no cimo de um dos rochedos, ao qual não podem trepar senão os camursas.

MENARD

Mas então como é que se vae ao seu castello, Sr. barão?

DUBOURG

Mandei construir uma escada de caracol no interior da

montanha ,custou-me cem mil francos, mas é uma cousa soberba, e não ha ninguém que não vá admirar! Espero, Sr. Menard, que terei a honra de lh'o mostrar e de o ter por algum tempo no meu castello de krapack... Hei de dar-lhe lá a provar um certo vinho de Tockay...

MENARD

O Sr. barão confunde-me... Mas... no seu castello deve ser horrivel o frio.

DUBOURG

No tempo do meu avô havia com effeito alli um frio insupportavel; mas graças as novas luzes do seculo, achei meio de lhe adoçar a temperatura...

MENARD

Que meio foi que empregou, Sr. barão?

DUBOURG

Fiz estabelecer um gazometro por baixo do castello ; o gaz, como sabe, dá muito calor á terra, de modo tal que por de sobre os sitios por onde passam os tubos conductores, me nascem ervilhas em Janeiro... Mas onde diabo está o Frederico?... *(Sobe ao fundo approxima-se de Frederico, batendo-lhe no hombro, reparando;)* Vê lá o que fazes.

FREDERICO

Deixa-me...

DUBOURG

Não te contrario... mas talvez te arrependas... *(Descendo, a Menard.)* Vamos, Sr. Menard, vamos ver a nossa classica carruagem. *(Saem, momento de silencio. Frederico vae*

*pouco a pouco avançando para Anna, que ao avistal-o ergue-se e em acção de fugir.)*

FREDERICO

Porque me fuge?...vae-se, sem me dizer ao menos uma palavra... (*Anna fita-o por um momento, leva as mãos aos olhos, sahindo depois pela direita do actor.*)

Frederico, (*depois de acompanhal-a com a vista.*) Que rapariga será esta!... Que fazia aqui completamnte isolada?... Ah! mas é preciso que eu saiba quem ella é... sua phisionomia impressionou-me de tal forma, que d'aqui não sahirei sem que primeiro lhe falle... sim, vou seguil-a. (*Vae a sahir e encontra-se com um aldeão.*)

Frederico, (*ao aldeão.*) Conheces a rapariga que seguio por este atalho?

ALDEÃO

Conheço, sim senhor. Ella não mora n'esta aldêa; mas a sua cabana não fica muito longe... conduz o rebanho ás pastagens. Pobre irmã Anna!... Quem é que não a conhece cá por estes sitios!

FREDERICO

Parece que tambem tens dó d'ella! E' então muito desgraçada aquella rapariga?

ALDEÃO

Ai senhor! Quem não ha de ter dó! A sua vida sempre é mais triste!

FREDERICO

E tu sabel-a?

## ALDEÃO

Sei, sim senhor... Tem-m'a contado minha mãe muitas vezes. Por aqui todos a sabem.

## FREDERICO

Então conta-me tudo o que sabes da irmã Anna... e não me occultes a menor circumstancia... (*Dá-lhe uma moeda de prata.*)

## ALDEÃO

(*Pausa.*) A irmã Anna é filha de uma senhora, a quem chamaram Clotilde; esta tal Clotilde, filha de gente rica, não fora educada como uma simples camponeza, era muito prendada, mas apezar d'isso, veio morar com seu marido na nossa aldêa. Primeiramente tiveram uma filha... a Annita, que já era tão bonita como a mãe... O senhor bem a vio... D'ahi a quatro annos tiveram outro filho. A pequena não deixava nem um instante o irmãosinho. Passado pouco tempo, não houve desgraças que não perseguissem aquella pobre gente... Um dia um grande vendaval arrazou-lhe o seu campinho e levou-lhes a colheita toda... A pobre Clotilde adoeceu!... Então o marido para socorrer a mulher e os filhos, não teve remedio senão assentar praça e partio dizendo a mulher, depois de lhe dar todo o dinheiro que tinha: Tome muito cuidado com os nossos filhos? Clotilde, por muito tempo, ficou incapaz de fazer fosse o que fosse, logo que o marido ausentou-se. No principio ella recebia cartas d'elle... n'aquelle tempo havia muitas batalhas... passou-se um anno... O marido de Clotilde fora morto. Recebeu-se essa noticia na aldêa, mas ninguem teve animo de lh'a participar... Clotilde ia todos os dias ao cimo de uma montanha, de onde se descobria até

muito longe a estrada, por onde esperava ver regressar seu marido... Ahí passava ella dias inteiros sentada ao pé de uma arvore, com os olhos fitos no caminho em que vira pela ultima vez o seu querido marido... A irmã Anna, que não tinha então senão sete annos, assombrava a todos com a sua intelligencia e com o carinho que mostrava pelo irmão... Ella lavava-o, embalava-o, e acariciava-o, e as primeiras palavras que a creança balbuciou foram: irmã Anna, ficando na aldêa sendo conhecida por esse nome... Um dia tinha Clotilde sahido, segundo o seu costume, afim de ir para o posto habitual...

Anoiteceu, e Clotilde não regressou á casa. A irmã Anna estava assustada... De repente armou-se uma tempestade, um raio cahio, acompanhado de um trovão que repercutio na aldêa... vio-se pouco tempo depois uma cabana incendiada... era a de Clotilde... todos para ahí se dirigiram... não se podia salvar a casa, mas era preciso salvar as duas creanças. Entraram... Acharam a irmã Anna debaixo do leito da mãe, cingindo ao coração o irmão, que já não existia... Anna estava desmaiada e quando tornou a si, não pronunciou uma só palavra!... Abria a bocca mas não soltava senão uns gritos abafados... Estava muda!! Os medicos disseram que um susto horroroso e a desesperação de ver morrer o irmão, sem lhe poder valer, lhe tinha tirado a faculdade de se expressar, e que só uma revolução similhante poderia talvez restituir-lhe a palavra!... Clotilde succumbio á sua dôr, tinham-n'a achado inanimada ao pé da arvore, no cimo da montanha, na mesma noite que tão fatal fora para seus filhos... A irmã Anna, foi soccorrida pelos habitantes da aldêa e recebida em casa da boa Margarida que adoptou-a como filha...

FREDERICO

Pobre pequena! é realmente triste! E tu dizes que é situada na matta a casinha em que mora?

ALDEÃO

E' sim senhor... indo pelo caminho, que vae dar á rua dos Salgueiros, á esquerda logo se vê uma clareira, desce-se uma collinasinha e acha-se uma pessoa mesmo ao pé da cabana.

FREDERICO

E' quanto basta, não me hei de esquecer.

ALDEÃO

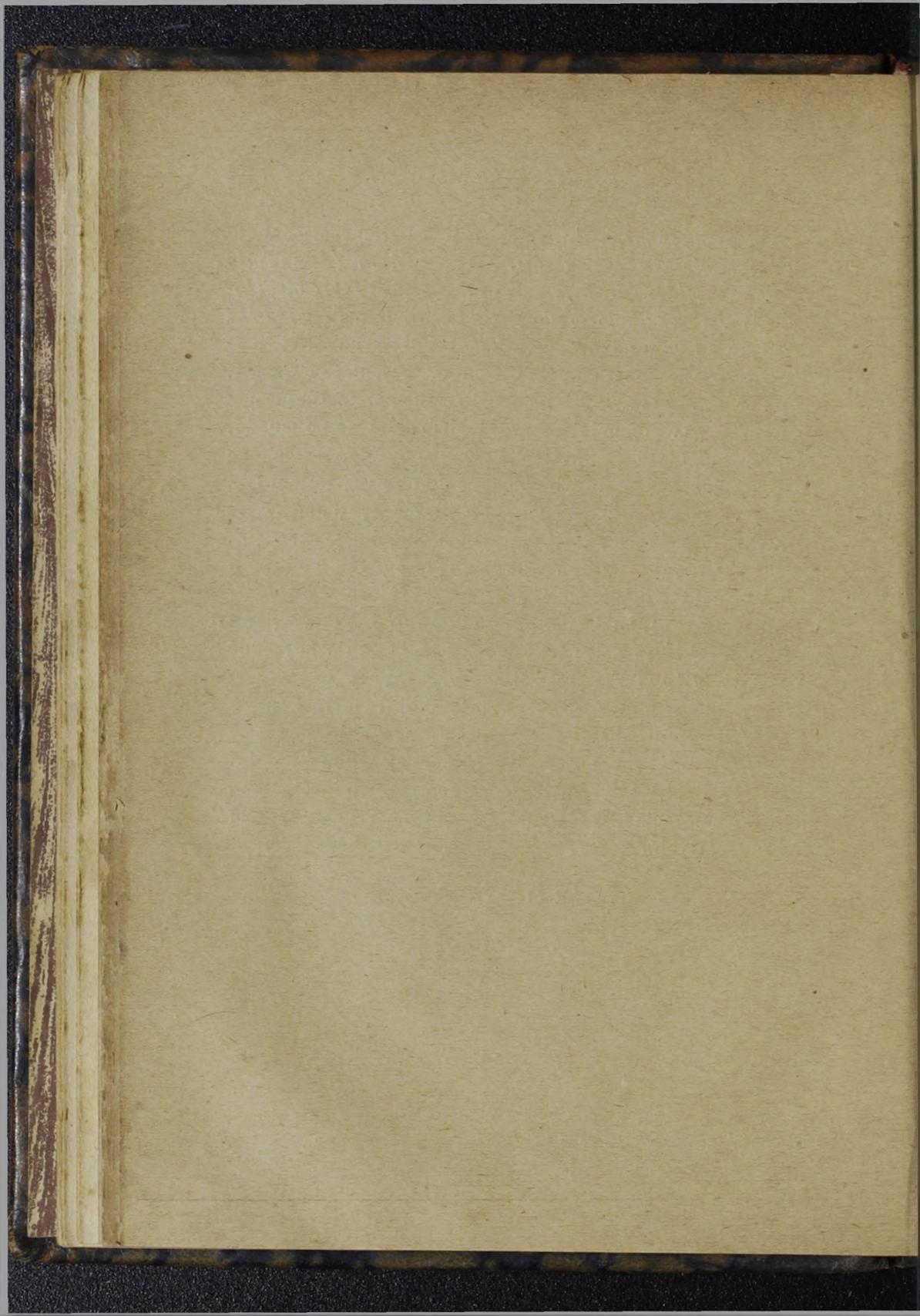
*(Olhando.)* Olhe senhor, ahí vem a irmã Anna. *(Sae depois que ella entra. N'este momento apparece Anna, quer esconder-se porém não o consegue porque Frederico segura-a pelas mãos e a conduz ao centro da scena.)*

FREDERICO

Por quem é, não me fuja... Dar-me-hia profundo desgosto se conhecesse cauzar-lhe medo! *(Anna mostra um amavel sorriso fazendo sentir que não experimentava semelhante sentimento.)* Via-a ainda ha pouco á beira do regato. *(Anna fitou-o sorrindo dando a entender que se lembrava.)* O que! lembra-se de mim! Pois creia amavel menina que nem um instante me sahiu do pensamento! Como poderia eu deixar de ser impressionado pelo aspecto de tantas graças, de feições tão encantadoras! *(Anna demonstra que está surpresa ouvindo taes palavras.)* Quando a vi ainda agora, conheci que me inspirava o mais terno interesse... Mas não imagina quanto esse interesse augmentou desde que

soube... Pobre menina!... Conheço a sua situação, conheço todas as desgraças que a tem opprimido... (*Anna solta alguns gemidos surdos, ergue os olhos que desprendem lagrimas, recordando-se do passado, Frederico segura-lhe na mão e leva-a ao coração.*) Renovei os seus pezares, perdoe-me... Não poder eu pelo contrario, fazer-lh'os esquecer, tornando-a feliz!... Pobre menina!... Então prometta-me não chorar mais... de hoje em diante não está só no mundo, porque tem um amigo... Ha um coração que corresponde ao seu, e que enquanto viver não palpitará senão por si... Anna... minha querida amiga... permitta-me que a ame... que tome parte nos seus pezares..., que pense sem cessar em si... que a veja todos os dias... não me recuse o que lhe peço... aliós ficarei tão infeliz como a menina... (*Ouve-se o som de uma sineta, Anna faz um gesto de sahir.*) Volta? (*Ella indica o sol.*) Ao sol posto volta á beira do riacho, não é verdade? (*Anna faz um gesto affirmativo e sae apresada.*) Quero tornar a ver-te, oh! sim!... Quero tornar a ver-te!... quero aliviar-te a miseria... Conheço já que te amo!... Amo-te, sim, porém com delirio, com enthusiasmo!... e ao contemplar teu semblante vi que n'elle reflectia candidez e innocencia... Que ventura a minha se me amasses oh! virgem martyr!...

CAE O PANNO



## ACTO II

O theatro representa uma sala em casa do conde, ricamente ornamentada. E' dia.

### SCENA I

FREDERICO (*sentado*) E MENARD

FREDERICO

Pobre do Dubourg... coitado do barão de Potoscki... chame-lhe como quizer Sr. Menard...

MENARD

A fallar a verdade, poderá mesmo chamar-lhe, Sr. conde, um tanto atrevido, por effeito das patranhas que me impingio... Dizer-se palatino!...

FREDERICO

Ora esqueça-se d'isso, meu caro Menard.

MENARD

E aquella caixa de rapé do rei da Prussia!...

FREDERICO

Era um gracejo...

MENARD

E principalmente aquella tokai da cave de Takely, com que eu contava...

FREDERICO

Lembre-se de que mereço também censura, por auxiliá-lo a mentir...

MENARD

E' isso o que me tapa a bocca, Sr. conde, e mesmo se não fosse o seu estouvamento e a sua paixão pelo jogo, seria um homem de merecimento. E' instruido e conhece os classicos...

FREDERICO

*(Levanta-se.)* Mas enfim, que foi feito d'elle? onde o deixou?

MENARD

Deixei-o representando de Hypolito e indo procurar-me para entrar em scena; porque eu já me achava vestido, quando o Sr. conde, seu pai, appareceu; reprehendeu-me por me achar em tal estado... fez muito bem... e censurou-me asperamente por tel-o deixado á rédea solta .. O senhor mais tarde voltou ao hotel... e partimos todos tres para Pariz...

FREDERICO

Mas Dubourg?... O que será feito d'elle?... sem dinheiro... Se o senhor soubesse noticias... se m'o mandasse...

MENARD

Mandar-lh'o ! Deos me defenda!... Não que o senhor seu pai não o tratou bem, quando o surpreendeu em caracter de Hypolito !...

FREDERICO

Mas diga-lhe que me escreva... tenho immenso empenho em corresponder-me com elle, a menos que não queira ver-me...

MENARD

Farei a diligencia para ver se descubro onde elle está, Sr. conde...

FREDERICO

Confio no senhor e logo que o veja venha dizer-me.

MENARD

Descance, Sr. conde. (*Frederico sae. Pausa.*) Decididamente a incumbencia a mim confiada, é-me de todo arriscada... póde trazer d'ahi consequencias que irritarão o Sr. conde e perderei de todo a confiança que em mim deposita.

CRIADO

Uma pessoa deseja fallar ao Sr. conde.

MENARD

Como se chama?

CRIADO

O barão de Potoscki.

MENARD

(*Rindo.*) O barão de... Dubourg!

## SCENA II

OS MESMOS E DUBOURG

DUBOURG

Eu mesmo, Sr. Menard! (*O criado sae.*)

MENARD

Em pessoa Sr... Sr. de...

DUBOURG

Então que é isso Sr. Menard! Dar-se-ha caso que se-  
jam rancorosos?!

MENARD

A fallar a verdade, poder-se-hia sel-o por muito menos...  
Bem sabe que depois das pêtas que me inpingio... Mas  
tambem, se eu d'aqui em diante acreditar nem mais uma pa-  
lavra sua...

DUBOURG

Ora deixe-se d'isso, Sr. Menard, deixe lá o fel ás almas  
grandes, para que não digam de nós: «nec ipsa mors odium  
illorum extinxit».

MENARD

Sim, senhor, sei bem que é instruidissimo, mas olhe que  
aquelle castello de krapack!... E depois fazer-me entrar  
n'uma comedia...

DUBOURG

Era necessario ganharmos dinheiro... era preciso um re-  
curso da minha parte, porque as remessas de dinheiro feitas  
pelo conde tinham-se evaporado... Entramos n'uma comedia...  
e o que tem isso?!... não salvamos o empresario de um  
aperto?!... não nos pagou para que substituíssemos os dous  
artistas que não vieram?!... tomei uma furiosa pateada, é  
verdade; e o senhor, meu caro Menard, passou pelo dissabor  
de achar-se ainda de calções e com o enorme turbante á ca-  
beça, face a face com o pai de Frederico!...

MENARD

Mas então, d'onde vem?

DUBOURG

Cheguei agora da minha terra, da Bretanha.

MENARD

Ah! o senhor é da Bretanha! já me não admiro de a ter encaixado muitas vezes nas suas narrações da Polonia. E depois a nata e o queijo que tantas vezes me gabou...

DUBOURG

São excellentes, Sr. Menard.

MENARD

Mas então que fez na Bretanha?

DUBOURG

Fui receber a herança de minha tia, que me legou uma fortunasinha menos má.

MENARD

Aposto que não é verdade!

DUBOURG

Ora, Sr. Menard! Não vê que estou coberto de luto?

MENARD

Isso não prova... Tambem o senhor fazia de fidalgo polaco quando eu lhe dava o braço nas ruas de Lyon... Cada vez que me lembra d'isso...

DUBOURG

Mas lembre-se tambem dos deliciosos banquetes que lhe proporcionei...

MENARD

Lá isso é verdade... E aquelle Chambertin?!... Fazer-lhe acreditar que recebia em sua casa uma pessoa illustre!...

DUBOURG

Quer me parecer que valho tanto como qualquer outro...

MENARD

Fazer com que lhe dessem festas, jantares soberbos e fogos de artificio!... E quando acenderam aquelle quadro allegorico?... Ah! aquillo é que foi assombroso!... viram-n'ò em trages pouco decentes... abraçado com a mulher de Chambertin e... (*Batendo-lhe na barriga*) que grande ratão é o senhor! . Olhe meu caro Dubourg, o senhor possui todas as qualidades que constituem um homem interessantissimo, conhece os bons autores, conhece a historia... Por consequencia, siga o meu conselho... tome juizo...

DUBOURG

Que está dizendo! Eu já estou com um juizão! As doulices acabaram-se para mim... já puz ponto nos excessos da mesa... acabei com toda a especie de patranhas...

MENARD

E deve acabar, deve, principalmente com as mentiras, que destroem a confiança... Sim, porque afinal supponho que não pareço um imbecil... Cáspite! o Sr. tem um anel com bellissima pedra!

DUBOURG

E' uma esmeralda que pertenceu a Ali-pachá!

MENARD

Não é mentira?

DUBOURG

Não, homem... Mas onde diabo está elle! onde está o Frederico, que quero abraçal-o...

FREDERICO

*(Aparece e abraça-o.)* Dubourg. Eis-te emfim!

DUBOURG

Aqui me tens... Ha oito dias apenas que estou em Paris.

FREDERICO

Sim... eu tambem suppuz que estarias ausente... Mas por quem é esse luto?

DUBOURG

Ah! meu bom amigo!... Por minha tia... já não existe!  
*(Puxa o lenço e assua-se quatro a cinco vezes.)*

FREDERICO

Acaba de te assoares... bem sabes que não conseguirás chorar...

DUBOURG

Embora... era uma senhora respeitavel.. e que me deixou 1,500 francos de rendimento...

FREDERICO

Não é máo, mas trata de os não jogares, como fizestes com as remessas de dinheiro que o conde mandava-me.

DUBOURG

Descança... o ecarté faz-me o effeito de um laxante... Mas dize-me cá, que noticias me dás dos teus amores?... Eu confesso que te não acho muito máo aspecto para um amante infeliz.

FREDERICO

Eu... Desde que meu pai foi inopinadamente procurar-me a Grenoble, aonde eu tinha ido saber noticias de vocês... nunca mais pode tornar a ver a pobre pequena... Partimos tão precipitadamente... Meu pai, de então para cá, não me perde de vista... De modo que não sei como hei de obter novas d'ella...

DUBOURG

Pois então sou eu que t'as vou dar.

FREDERICO

Sr. Menard, peço-lhe que nos deixe por um instante e venha prevenir-me logo que meu pai queira fallar-me.

MENARD

Eu vou, Sr. conde. (*Sae.*)

FREDERICO

Vistel-a?

DUBOURG

Vi... Ha muito tempo já... Quinze dias depois da tua partida.

FREDERICO

E então... como estava ella?... Onde estava?

DUBOURG

Onde estava?!... Continuamente na matta, voltada para o caminho por onde sem duvida esperava ver-te chegar... Como estava?!... Chorando, que é, segundo supponho, o seu unico recurso!

FREDERICO

Chorando!

DUBOURG

Sim... e confesso que me penalizou immensamente.

FREDERICO

Pobre pequena!... Mas emfim, fallaste-lhe?... Ella vio-te?... Oh! conta-me, conta-me como isso foi...

DUBOURG

Vio-me e conheceu-me, apezar de me não ter visto senão uma vez... Tu não me tinhas dito que era muda, mas eu entendi-lhe perfeitamente os signaes. Contava os dias da tua ausencia e perguntava-me se voltarias breve... Disse-lhe que sim.

FREDERICO

Fizeste bem.

DUBOURG

Ha perto de tres mezes que isto succedeu...

FREDERICO

Mas se eu não tenho podido de nenhum modo sahir...

DUBOURG

Afinal deixei-a, depois de lhe ter dado esperança... Era o mais que podia fazer, mas em tres mezes deve ter-se-lhe desvanecido.

FREDERICO

*(Depois de pausa.)* Se tu soubesses, Dubourg, que cousa surprehendente me succedeu?

DUBOURG

Em tu m'ò dizendo, já o sei.

FREDERICO

E' na verdade inconcebivel... positivamente um rasgo da sorte .. Chegando a Pariz, encontrei aqui a irmã Anna !

DUBOURG

Encontrastel-a aqui ?!

FREDERICO

Sim, encontrei-a n'outra mulher, na sobrinha do general Valmont, que foi camarada de meu pai. Ah! meu Dubourg! E' uma cousa assombrosa! Nunca vi similhança mais completa!

DUBOURG

Sim... principio a perceber...

FREDERICO

Se tu visses a Constança... ficarias tão absorto como eu fiquei!... Não, apenas a vi... mas ao examinal-a com attenção!

DUBOURG

Ah! examinastel-a com attenção ?!

FREDERICO

São os olhos com a candura e a expressão dos d'ella... Os de Constança são comtudo, um tanto mais escuros .. A mesma côr dos cabellos... uma fronte igualmente nobre e engraçada, e a mesma cutis... A differença é ser Constança menos pallida do que a irmã Anna... Nas feições tem exactamente a mesma expressão.

DUBOURG

O que me admira é que a sobrinha de um general, tenha as mesmas feições que uma pobre aldeã.

FREDÉRICO

Ha sem duvida entre ellas a differença proveniente da posição, da educação, da pratica da sociedade! Em primeiro logar, Constança é mais airosissima... mas a irmã Anna não lhe é inferior... Constança tem a graça, as maneiras, que ninguem pôde adquirir no interior de uma matta...

DUBOURG

Oh! agora é que conheces isso?!

FREDERICO

Quando estou junto d'ella, não estou em mim... tem uma voz encantadora que penetra até o amago do coração... Affirmo-te que quando a oiço, affigura-se-me que um milagre se operou restituindo a palavra á infeliz orphã!.. Tenho toda a certeza de que a sua voz teria o mesmo som, a mesma suavidade, a mesma meiguice. Não imaginas como me sinto impressionado quando a oiço fallar.

DUBOURG

O que te posso dizer é que, não sei se essa impressão dará grande prazer á irmã Anna.

FREDERICO

Ah! Mas é impossivel não a sentir... Não achas singular uma tal similhaça?

DUBOURG

Sem devida!.. Parece-me comtudo que não seria tão

frante a meus olhos, já me não admira de que a deixes permanecer na matta... Tu achal-a aqui... Ves-la e ouves-la... gozo que não tinhas junto d'ella... Faço-te os meus cumprimentos. Comprehando perfeitamente que não necessites occupar-te da que está longe d'aqui, na sua cabana ou no alto da montanha, a ver se tu regressas, uma vez que a encontras sem te encommoares, mais bella e mais seductora, aqui onde te achas...

FREDERICO

Não, não abandonarei nunca a irmã Anna... hei de ir ter com ella... porque não a esqueci. Sou acaso culpado de achar n'outra todas as suas feições!... Não é isto, pelo contrario, uma prova de que penso sempre n'ella!... Constança de Valmont assimilha-se-lhe perfeitamente... Ah! Dubourg, desejava que a visses!

DUBOURG

(*Silencio profundo.*) Olha, Frederico, confesso-te, que me contrariou tornar a ver a pobre rapariga... tornar a vel-a chorando e esperando-te...

FREDERICO

Mas porque?

DUBOURG

Porque?!... Porque me parece estar a vel-a... porque apezar do meu estouvamento conheço, que me causa pena!... Eu não passo de um vadio, de um máo individuo até... mas emfim, gosto mais do meu modo de amar do que do teu. Com os teus bellos sentimentos, que não devem acabar nunca e que não acabam como os de qualquer outro, empalmas os

noveis corações, as mulheres amantes, que se deixam impressionar pelos teus suspiros, pelas tuas grandes expansões! afinal entregam-se-te, e depois choram e soffrem cruelmente com a tua inconstancia. Eu por mim não conheço senão levianas e grisettes, que valem todas o mesmo, porém ao menos é mais divertido. Convenho que taes damas não primam pela virtude, mas para uns namoricos, para um capricho, deve-se-ha por ventura procurar a flôr do sentimento, os corações noviços que não conhecem o amor senão pelos romances em que elle se apresenta descripto de um modo talvez muito seductor, mas pouquissimo verosimil?!... Não, de certo, creio pelo contrario, que é barbaridade fazermo-nos amar a valer, para mais tarde deixarmos a incauta a quem seduzimos, perder os seus mais bellos dias nas lagrimas e na desesperação!

FREDERICO

Porque me dizes todas essas cousas?! Eu amo como dantes, a irmã Anna... Que culpa tenho de meu pai trazer-me sem esperar para Pariz?... de me haver sido de todo impossivel, de então para cá ausentar-me?!... Convence-te de que hei de vel-a... de que não a abandono... porque me é cára como sempre, desde que a conheci!

DUBOURG

Ora, adeus, Frederico? Não me digas cousas d'essas! Quererás tú fazer-me acreditar que tenho o nariz aquilino?... Olha que eu sou rapôza velha, que se não engana! E depois leio no teu coração melhor do que tu proprio. Tu já não amas a irmã Anna, ou pelo menos já não estás apaixonado por ella, porque andas doído mesmo pela encantadora Constança... que é o véro retrato da desgraçada muda!

## FREDERICO

Não, Dubourg, não... juro-te que não ando apaixonado por Constança... Quero-lhe... como um irmão... acredita que nunca lhe disse uma unica palavra de amor...

## DUBOURG

Pois sim, mas para isso não é tarde ainda .. Escusas de estar ahi a levantar os olhos para o céu, porque te affirmo que amo Constança... E' muito natural.. O que te censuro, é teres ido ao interior da matta em busca d'aquella infeliz que não tem o minimo conhecimento do mundo nem dos homens... que se deixou seduzir e que acreditou piamente tudo que lhe quizeste jurar, porque nunca ninguem lhe havia jurado nada !... O que é mal feito é teres-lhe inspirado um sentimento exaltado, que ha de ser a desgraça d'ella, porque n'aquella matta não ha nada que a possa distrahir!... Se ainda, cedendo á occasião, tu a houvesses abandonado em seguida, a dôr seria fortissima, mas teria durado menos... não haveria tempo de te amar!... Mas tu tens a desgraça de levaras estas cousas além de todos os limites rasoaveis!... Abandonastes tudo para viver na matta... para te não separares d'ella!... Durante seis semanas não a deixastes um só instante!... Sustentavas-te de fructas... alimentar-te-hias de raizes, se preciso fosse, só para lhe estares fallando de amor!... A pequena já não podia passar sem a tua presença!... Não vivia, não respirava senão junto a ti... imaginava que havia de durar sempre um tal genero de vida!... E no fim de tudo isto... safas-te... boas noites... Acabou-se tudo!... Chora para ahi... Morre de desesperação, que não a verei... Mas via-a eu e sinto-me contristadissimo por isso... porque me parece ainda vel-a, pallida,

desgrenhada, caminhando sem olhar, escutando sem ouvir e procurando com um unico pensamento, voltando a cada instante os olhos banhados de lagrimas, para a estrada por onde foste e... recolher-se assim á sua choupanha para chorar mais ainda!... Depois no outro dia fazer o mesmo... e no outro, no outro... e sempre... sem ter se quer a ultima consolação dos desgraçados, que é poderem se lastimar e lançar os seus pezares n'um seio amigo!... Que edificante quadro!...

FREDERICO

Dubourg!... Meu amigo! Preciso ter noticias da irmã Anna!... Peço-te que novamente m'as tragas... Oh! Peço-te!

DUBOURG

Não vou!... Via-a uma vez... não quero mais! E para que!... Para andar depois seis semanas com idéas tristes... eu, que não sabia o que isso era!

FREDERICO

(*Pausa.*) Bem... deixa-me...

DUBOURG

Adeus. (*Sae.*)

FREDERICO

Sim, devo ir... Conheço a minha falta... (*Conde apparece.*) Sei que fiz mal, abandonando aquella, que, sem a minima culpa, sem ter consciencia do que fazia, entregou-se-me de corpo e alma!... Sim, devo ir vel-a... (*A sahir.*)

CONDE

Aonde quer ir?!... Nada de rodeios, que é cousa de que não gosto. Naturalmente pensa ainda n'uma mulher que o

preocupou durante a sua viagem, e pela qual sei que fez mil loucuras. Confesso que suppunha ter entrado na razão... Julguei que havia muito lhe tinha sahido do espirito a memoria d'esses amores... Não digo de coração, porque este nunca toma parte n'essa especie de ligações...

FREDERICO

Ah! meu pai... se conhecesse...

CONDE

Deixemo-nos d'isso. Provavelmente não intenta despozar a sua conquista? l... Comtudo, é possível que tenha faltas a reparar... Eu não conheço essa rapariga... Talvez que se tenha tornado mais culpado do que eu julgo... que a infeliz a quem seduzio, desvairada, se ache por sua culpa desprezada, abandonada, e viva agora na miseria!.. Se com ouro se póde reparar a sua desgraça, creia que o não pouparei... mas serei eu quem se encarregará d'isso, e não o senhor.

FREDERICO

Meu pai?!

CONDE

Sim, senhor, eu mesmo, porque o saberei fazer melhor que qualquer outro... e o farei o mais breve possível. E depois... depois a sua presença é indispensavel aqui. O general tenciona casar a sobrinha com um moço coronel, a quem espera, e que de certo não deve demorar-se...

FREDERICO

O general casa a sobrinha?!

CONDE

Casa... e não vejo n'isso nada que deva causar surpresa.

FREDERICO

E... é interessante?

CONDE

Interessante ou não, pouco importa... Um homem honrado é sempre bello.

FREDERICO

E é casamento ajustado?

CONDE

Parece que sim.

FREDERICO

E Constança que nunca me fallou em tal.

CONDE

Para que lhe havia ella antecipadamente participar uma cousa de que uma menina bem educada não falla nunca ?!

FREDERICO

Sim... com effeito... eu não tinha nenhum direito... não devia ter... todavia suppunha...

CONDE

Além d'isso é possível que o general não tenha ainda dado parte dos seus projectos á sobrinha...

FREDERICO

E é por isso que se torna necessario a minha presença em Pariz?

CONDE

Sem duvida... Em taes casos ha mil pormenores de festas, de toilettes, de encomendas, e o general, habituado á vida

dos acampamentos, não entende nada d'isso. Como solteirão precisa de conselhos e... contou comsigo para o auxiliar...

FREDERICO

E' extrema a amabilidade do general... Lisongeia-me assaz, ter-me achado prestimo para isso...

CONDE

Muito bem, meu filho! Folgo sobre modo ouvindo-te fallar assim... Agora vamos á sua casa.

FREDERICO

Obedeço, meu pai. (*A sahirem.*)

CRIADO

O Sr. general de Valmont, aguarda o Sr. conde na sala de espera.

CONDE

Vou recebê-lo. (*Saem.*)

FREDERICO

Seria verdade o que ouvi dos labios de meu pai ou estarei sonhando?... Constança, que parecia corresponder aos meus affectos, por ventura daria ás occultas seu coração a um outro?! Se assim fôra, que idéa, que conceito se poderá formar de um character, que na primavera da vida, assim procede?!... Miséria! Infamia, sobre infamia!... Infeliz que sou, que não encontro uma alma pura que comprehenda, que advinhe o que se passa aqui dentro... (*Senta-se.*)

## SCENA II

CONSTANÇA

Porque está triste?... Fizemos-lhe algum mal para que não nos fosse receber?

FREDERICO

Não tenho nada minha senhora... que poderia eu ter ?

CONSTANÇA

Ignoro-o... Bem sabe que não costuma contar-me seus  
pezares...

FREDERICO

Receia que advinhe o que lhe vae no coração ?

CONSTANÇA

Eu ! Não sei na verdade o que quer dizer... não o en-  
tendo... Porque hei de receiar que me leia no pensamento...  
Não sou culpada, e se o sou, não é o senhor que deve  
probar-m'o.

FREDERICO

Sim de certo. Bem sei que tem absoluta liberdade dos  
seus sentimentos, e que não tenho o minimo direito sobre o  
seu coração...

CONSTANÇA

Valha-me Deos!... O que tem, Sr. Frederico? Inquieta-me  
realmente... A sua perturbação não é natural!...

FREDERICO

O que tenho?! Ah! Constança! ama outro e per-  
gunta-m'o?!

CONSTANÇA

Amo outro! Santo Deos! Mas que quer isso dizer? Ex-  
plica-se Frederico... não o entendo... Então não se explica?...  
Que fiz eu para merecer as suas reprehensões? Diga-o fran-  
camente... quero que o diga... ouve?... quero que o diga!

FREDERICO

Infeliz que eu sou.

CONSTANÇA

O senhor infeliz, Frederico! E porque?]

FREDERICO

Sei que está para casar...

CONSTANÇA

Casar-me, eu !... é a primeira vez que tal oiço!

FREDERICO

Debalde tenta occultar-m'o... Sei tudo... sei que o seu  
novo deve chegar... que é um coronel e que o ama...

CONSTANÇA

Que está dizendo?... Um coronel a quem eu amo!....  
Isto agora é que parece de mais! Como se chama ?

FREDERICO

Esqueci-me de o perguntar.

CONSTANÇA

Mas quem lhe disse estar eu para casar ?

FREDERICO

Quem tem a certeza d'isso, meu pai, que o soube do seu  
tio.

CONSTANÇA

De meu tio!... confesso que não comprehendo nada do  
que me está dizendo !

FREDERICO

Finge não comprehender! Espera sem duvida com impaciencia a chegada de seu futuro esposo...

CONSTANÇA

Sinto-me realmente admiradissimo do que acabou de dizer! Mas, enfim, suppondo ser verdade que me caso, em que pôde isso affectal-o? julgo dever ser-lhe inteiramente indifferente...

FREDERICO

Ah! Suppõe isso?!

CONSTANÇA

E o senhor... se eu amasse alguém... senteria por esse factogrande pezar? !...

FREDERICO

*(Pega-lhe na mão.)* Ah! Constança! Ainda m'o pergunta? !... Pois não vê, não sente que a amo, que a adoro, e que morreria se a visse pertencer a outro!

CONSTANÇA

*(Alegre.)* Ama-me... ama-me... que suaves que foram as suas palavras, Frederico!... Ama-me... oh! mas eu tambem o amo... Porque ha mais tempo não fez esta confissão que tão feliz me torna? !... Frederico, meu tio é muito meu amigo, e não ha de querer de nenhum modo tornar-me desgraçada... Se é verdade que tenha formado para mim algum projecto de casamento e de nunca lhe ouvi fallar, terá de renunciá-lo, porque lhe direi que o meu coração pertence a Frederico... Meu tio é bom... é-lhe affeioado... Bem vê faz muito mal

em ser triste, em occultar-me os seus pezares... Eu ha muito que lhe leio no coração... não deveria ler tambem no meu?!...

FREDERICO

Constança !... anjo de bondade, que suavisas a minha alma?... Perdoa-me, se por um instante pude duvidar do teu amor...

- CONSTANÇA

*(Passos.)* Vem alguém... será meu tio?!...

FREDERICO

Deixo-a, Constança, para não ouvir do general, a confirmação do que lhe disse...

CONSTANÇA

Volta?

FREDERICO

Acaso julgar-me-hia feliz, longe de ti, Constança...  
*(Beija-lhe a mão e sae pela direita.)*

GENERAL

Parece que conversavas...

CONSTANÇA

Sim, meu tio, e estimei muito que viesse só, para lhe perguntar que projectos são esses que a meu respeito forma.

GENERAL

Projectos a teu respeito... e quem te disse que eu os formava?!...

CONSTANÇA

O Sr. Frederico, meu tio... que o soube de seu pai.

GENERAL

O' diabo!... Então o Sr. Frederico occupa-se com essas cousas?!... Mas, que projectos emfim são... vamos lá a saber...

CONSTANÇA

Ora o tio deve sabel-o melhor do que eu...

GENERAL

Sim, n'isso tens razão... Pois tenho com effeito projectos...

CONSTANÇA

A respeito do meu futuro, meu tio?

GENERAL

Sim, para te casar emfim....

CONSTANÇA

*(Abraçando-o.)* Casar-me... Será possível... Ah! meu tio...

GENERAL

Vamos, socega... Com a fortuna! Ficaste já afflicta, como se eu podesse de modo algum tornar-te infeliz... Então, não queres casar?...

CONSTANÇA

Eu... não digo isso, meu tio...

GENERAL

Mas então de que te provém esse susto ao saber que penso em dar-te um marido?...

CONSTANÇA

Eu quero... mas queria...

GENERAL

Nem sei... queres... não queres... As mulheres não podem nunca fallar claramente! . . . Porque não me has de logo dizer que queres casar com o Frederico?!...

CONSTANÇA

Ah!... o tio sabe...

GENERAL

Com mil canhões!... Eu tenho por ventura o costume de queres? o que não queres?!...

CONSTANÇA

Mas o casamento com o tal coronel?

GENERAL

Todo foi uma historia inventada pelo meu velho amigo, nem tu sei bem para que... Veio procurar-me e pedio-me que deixasse dizer isso, e não tive remedio senão annuir; como quanto não perceba nada de semelhante mysterio, e me pareça que, quando dous rapazes se amam, e convem um ao outro, haja necessidade de marchas e contra-marchas para os casar... Mas emfim, eu não quero saber d'isso... Montreville tem lá o seu plano, a sua tactica e não quer fugir d'ella!... Não vás agora dizer ao Frederico a conversa que tivemos, porque pôde o pai zangar-se comigo... Em todo caso vou me preparando para pôr termo a estas mentirolas, e uno-te ao teu escolhido, que ha de por-se na espinha a força de suspirar...

CONSTANÇA

Ah! meu tio!... como o senhor é bom!... Como lhe poderei pagar tanta dedicação....

## GENERAL

Ora... para que tanto carinho .. acaso serei tãõ egoista, ao pontõ de querer obstar a que realises os teus sonhos dourados!... Em paga do bem que te causei, previno-te que vass tocar ao piano aquella marcha de que tanto gosto, palavra de honra! e cá volto com o meu velho amigo, para conduzir-te ao salão, e ahi, ao executares essa marcha, nos lembraremos, com enthusiasmo dos bellos tempos da campanha... (Sae)

## CONSTANÇA

Que bom coração!... Que grande alma!.. Como me estima!... Oh! mas eu quero-o muito... muito...

## FREDERICO

(*Por onde sahio.*) Então, é verdade, Constança?... O general está firme nas suas idêas?

## CONSTANÇA

Está... O general faz grande empenho que eu seja esposa... de Frederico de Montieville!...

## FREDERICO

(*De joelhos.*) Ah! quanto sou feliz! (*O conde e o general já tem apparecido no fundo e observam, os dous, com alegria.*)

## CAE O PANNO



## ACTO III

- theatro representa uma casa arruinada. Em ambos os lados deve haver uma porta ; ao fundo uma outra com janella ao lado, com varões de ferro. Uma mesa, alguns bancos de páu e palhas, que servirão de cama, ornãm a scena. A um dos cantos, uma chaminé com tições accesos.

### SCENA I

LEROUX, THIAGO, PEDRO, FRANCK E MAIS LADRÕES

*(A irmã Anna, está no chão, sem sentidos, tendo uma trouxa de roupa junto á si.)*

PEDRO

Que diabo viemos nós trazer para aqui?... cheira-me a que não é cousa que preste, nem sei mesmo se vale a pena de nos determos, conservando isto aqui...

THIAGO

*(Que conserva a lanterna na mão.)* E porque não?... Olha que tem uma trouxa junto a si...

FRANCK

Alguns farrapos... Não vês que é uma mulher que trabalha no campo?

THIAGO

Que demonio!... Ella está morta ou desmaiada?... Sacode-a, Leroux, sacode-a... Ficamos toda a noite aqui a olhar para esta desgraçada?

PEDRO

Quanto a mim, parece-me que não temos nada a fazer, porque a estrada está socegadissima, não é verdade Thiago?

THIAGO

Com mil diabos! Penso que a noite não acaba bem!

LEROUX

Ora adeus! O que vejo é que é uma mulher lindissima! (*A irmã Anna senta-se depois de ter aberto os olhos.*) Olhem, vejam... ella acordou... Que olhos!... Estou agora com curiosidade de saber o que vae dizer... (*A irmã Anna ergue as mãos, implorando-lhes compaixão.*)

PEDRO

Não tenha medo, não te fazemos mal... Mas de onde vens?... Para onde vaes?... Porque diabo te lembraste de te deitar no nosso pinhal?... (*Anna faz gestos para convencer-lhes de que está tranquilla.*)

THIAGO

Que diabo é isto? Então é mulher e não quer fallar? Que diabo de historia é esta? E' o medo que te tira a falla?

Anda, desembucha?... (*Anna ergue-se fazendo explicar que não fallava.*)

LEROUX

(*Depois de a examinar.*) Sabem o que lhes digo, rapazes? E' que a pequena está prestes a ser mãe... Reparem!  
(*Não cessam de contemplar Anna, que timidamente abaixa os olhos.*)

PEDRO

Rapazes, deixemos de olhal-a... E' uma pobre surda-muda... Não nos devemos demorar por causa d'ella.

LEROUX

Uma surda!... é um verdadeiro thesouro... de mais e mais, é formosa, agrada-me e tornal-a-hei minha companheira, logo que se desembarasse do fardo.

THIAGO

Estás brincando?

LEROUX

Não brinco, com mil diabos! Lembra-te de que uma surda-muda é uma preciosidade para qualquer de nós. (*Anna, tremula, tira do seio uma bolsa e d'ella uma moeda de ouro em paga da hospitalidade que lhe davam.*)

PEDRO

(*Arrebatando a moeda e a bolsa.*) Olá!... dá-nos dinheiro!... Faz muito bem pequena.

FRANCK

Tres moedas de ouro!... E' mais do que temos ganho em cinco dias.

LEROUX

Não lhes disse eu que não fora mal o achado?... Agora tratemos de nos regalar... *(Chega a porta da esquerda do actor, chamando.)* Christino, Christino... *(Christino apparece)* queremos mostrar-te o nosso achado...

CHRISTINO

Que diabo vem a ser?

LEROUX

Olha... é uma mulher rara... uma surda-muda...

CHRISTINO

Surda-muda! Bom achado, não se disfaçam... E que querem vocês fazer d'ella?

LEROUX

Tu não tens nada com isso... Foi para mim que agarrei esta mulher... agrada-me e conyêm-me assim mesmo...

CHRISTINO

*(Depois de examinal-a.)* Sim... porque só assim é que terás um filho... *(Leroux dando-lhe um empurrão.)*

THIAGO

Vá... deixem-se d'essas brincadeiras... E' necessario que a rapariga não tenha vindo cá para fazer desordem!... Meche-te Christino, e vê se nos dá quanto antes de beber... trazemos uma seda dos demonios! *(Christino sae para entrar pouco depois trazendo o preciso para beber-se.)*

LERCUX

Cria animo pequena... não estremeças... *(vão sentar-se.)*

*Anna senta-se na cama de palhas.)* Vocês vêem esta mulher? .. pois eu aposto que é mansa como um cordeiro... e que hei de fazer d'ella tudo quanto quizer.

FRANCK

Não te fies na cara... com aquelle arsinho apanham-se os os homens... Mas as caras enganam muito!

THIAGO

A tua não engana ninguem, porque pareces mesmo irmão de satanaz. (*Riem.*)

FRANCK

De onde veria esta mulher? Não me parece que seja d'ella que trabalham no campo.

PEDRO

Isto não deixa de ser alguma rapariga a quem seduziram!... Provavelmente o amante deixou-a, e ella deitou-se a correr mundo para o tornar a achar... E' a historia de todas as raparigas que dão ouvidos a lérias! (*Anna enxuga as lagrimas!*)

FRANCK

Eu cá se tivesse uma filha que escorregasse, esganava-a!

THIAGO

Ora vejam!... é pena que não tenhas filhas, que haviam de ser lindas!;

LEROUX

(*Levantando-se.*) Seja a mulher lá o que for, d'aqui é que ella já não sae... E tu Christino, trata de te não fazeres fino com ella... quando não...

## CHRISTINO

Eu importa-me cá com a tua delambida... já não penso n'isso... Olha, era melhor que a consolasses... porque parece que está a chorar.. Ferra-lhe um chôcho, anda...

## THIAGO

*(Levantando-se.)* E nós? Então não nos havemos de consolar também! Vá... toca a beijar a mudasinha, vamos dar-lhe alguma alegria... *(Dirigem-se a Anna, quando Leroux cotoca-se entre elles e Anna, empunhando uma pistolla.)* Não se cheguem com mil raios, que os estendo! Esta mulher é minha... fui eu que quiz trazel-a, e os diabo me levem se o primeiro que lhe tocar não morres aqui já ás minhas mãos!... *(Anna ergue-se assustada, os outros recuam.)*

## PEDRO

*(Depois de ir ao subterraneo buscar as armas.)* Então tu não te preparas para ires connosco?

## LEROUX

Não... ainda não... Lá irei ter... Primeiro quero conversar um bocado com a mudasita...

## PEDRO

Bom... já percebo, por hoje desculpamos-te isso, mas o que é preciso é que o amor te não faça esquecer o dever. *(Distribus aos companheiros as armas.)*

## THIAGO

E se passasse alguma boa carruagem de posta, não nos acharíamos com coragem de sem ti a atacar..

LEROUX

Ora adeus! Logo hoje é que havia de apparecer a car-  
ruagem de posta! Além d'isso já lhes disse que lá vou ter...

FRANCK

Bem, bem... passaremos sem ti. Se apparecer alguma  
preza será só para nós, porque tu não apanhas nada...

LEROUX

Sim, isso é justo. *(Saem e Christino encaminhando-se  
para o lado da porta sahindo. Leroux vae sentar-se ao  
lado da chaminé a contemplar Anna.)* E' boa a valer!...  
olhos soberbos... bonitos dentes... E d'aqui a alguns mezes  
ainda ha de ser melhor... mas isso não tira... E aquelles parvos  
sem verem isto... Agora soceguem que não apanham...  
poucas vezes se acham pechinchas d'estas... *(Vae assentar-se  
junto a Anna, que quer erguer-se mas é detida; Leroux  
depois de largal-a diz:)* Ora esta! Parece que estou a tremer  
*(com riso feroz.)* Ah! ah ah!... O que te digo, minha que-  
rida, é que te não fica bem ó fazeres-te cruel... Vê-se perfei-  
tamente que não fostes... *(Approximando-se mais d'ella,  
quer beijal-a, porém ella revestindo-se de coragem, rep-  
pelle-o com força e de um salto vae collocar-se em grande  
distancia.)*

LEROUX

*(Levantando-se.)* Ah! Fazes-te má!... Tens muita graça!...  
Dar-se-ha caso que penses em me resistir... Desgraçada!...  
Vaes ver... *(Agarra-a, estabelece-se uma luta entre ambos  
e quando Anna, que coneeça a soluçar, reconhece-se vencida,  
sente-se bater.)* Que vá para o diabo quem é!... os camaradas  
fazem-o de proposito, mas soceguem que não abro...

CONDE

(*Fôra.*) Porquem é, salvem-me... que serão bem recompensados... (*Leroux fica attonito, por desconhecer a vóz. Anna ajoelha-se alegre, Christino apparece.*)

CHRISTINO

Bateram á porta... não ouvistes? E' uma vóz extranha...

LEROUX

Sim, ouvi... Espreita na janella, e trata de conhecer se é um homem só..

CHRISTINO

(*Depois de examinar.*) E' um só...

LEROUX

Então, abre, mas é preciso prudencia enquanto não chegam os outros. (*Christino abre a porta, Anna vae sentar-se nas palhas.*)

## SCENA II

OS MESMOS E O CONDE

CONDE

Peço-lhes que me desculpem... incommodei-os de certo, perturbando-lhes sem duvida o seu repouso... mas concedendo-me um asylo, salvaram-me a vida...

LEROUX

Como assim, senhor?

CONDE

Fui atacado... além, na estrada que atravessa o pinhal...

Ia na minha carruagem... De repente sahiram da matta uns bandidos, deitaram-se a cabeça dos cavallos e mataram o postilhão. A carruagem parou, em seguida obrigaram-me a apeiar e mais ao meu criado, e um dos ladrões subio a carruagem, afim de a revistar... Foi durante este tempo que me internei no pinhal, escolhendo sempre os caminhos mais escuros... A luz d'esta casa foi o meu guia, e fez com que lhes viesse bater á porta.

LEROUX

E fez muito bem... (*Olhando para Christino.*) Queira sentar-se... socegue...

CONDE

(*Sentando-se.*) Já vejo que tem bom coração... O meu pobre criado! Tambem terá sido victima ?!

LEROUX

Não é de presumir... Provavelmente, depois de o roubarem, largaram-o... Não mataram o postilhão senão para o obrigarem a parar... Eu conheço e estou ao facto d'essas cousas... São muito frequentes os roubos n'esta matta.

CONDE

Eu não deveria ter seguido esta estrada, nem era o meu caminho, mas quiz conhecer estes sitios...

LEROUX

E os tratantes o roubaram ?!

CONDE

Não, graças a Deus... Iam talvez fazel-o, quando fugi... de modo que conservei a minha carteira e a minha bolsa...

LEROUX

Isso é que foi felicidade! (*Olhando para Christino.*)  
Agora o que deve fazer é resignar-se e deligenciar esquecer-se desse desastre... Nós havemos de tratá-lo o melhor que podermos... porque não deve pensar em sahir d'aqui antes de amanhecer... Seria grande imprudencia!...

CONDE

Tambem não tenho essa tenção, se me permittirem que me deixe estar.

LEROUX

Foi realmente uma felicidade que os ladrões o não perseguissem...

CONDE

Mas, supponho, o que me salvou, foi um tropel de cavallos que se ouviu ao mesmo tempo... pelo menos pareceu-me ouvir-o... Eu estava tão perturbado... Eram sem duvida outros ladrões ou talvez a guarda rural que os perseguia... E depois, eu estava desarmado...

LEROUX

Ah! estava desarmado?!

CONDE

Tinha as pistolas na carruagem, e não me deram tempo de as trazer... o senhor, naturalmente é rachador?!

LEROUX

Sim, senhor.

CONDE

E não tem medo de viver no meio d'este pinhal?

LEROUX

Ora, de que quer o senhor que tenhamos medo... Olha, Christino... este senhor precisa descansar... tras-nos alguma cousa...

CONDE

Não apresse tanto... Quem é aquella rapariga?... Não é sua filha?

LEROUX

Não, senhor; é uma desgraçada surda-muda, que eu encontrei no pinhal, e a quem recolhemos por caridade. Está proxima a ser mãe... de modo que tive dó d'ella...

CONDE

Isso honra-o muito... Coitada! tão nova, com umas feições tão meigas... Não pôde saber de onde ella vinha, nem os nomes de seus pais?

LEROUX

Como quer o senhor que se saiba alguma cousa d'uma surda-muda... Até me parece que é idiota... mas nós tentamos conserval-a aqui. (*Anna dirige-se ao conde com interesse e ao mesmo com compaixão.*) Que demonio quer ella agora!... A pobre pequena endoideceu... Leva-a para dentro, Christino, são horas de se deitar. (*Christino leva-a aos empurrões e depois volta trazendo uma garrafa.*) Então, não chegam?

CHRISTINO

Não oiço mesmo nada!

LEROUX

Ouve: depois do viajante ter adormecido, saio, para vêr se sei alguma cousa...

CHRISTINO

Bem pensado!... Faze com que o homem beba, e depois quando voltares trataremos do resto... vou descançar. *(Sae. Leroux vae ao fundo e volta.)*

CONDE

Espera alguém?

LEROUX

Não senhor... E' tambem o receio dos ladrões, o que faz-me escutar d'este modo... Não quer beber?

CONDE

Não... vou repousar até que amanheça, e então poderá servir-me de guia á primeira aldeia.

LEROUX

Com muito gosto... Póde dormir descançado que o dia ainda vem longe... A unica cama que lhe posso offerecer é palha fresca... bem vê, somos muito pobres... *(Leroux examinando.)* Dorme! *(Abre o alçapão, tira uma pistola e torna a ver o conde.)* Está no covil dos ladrões! Não nos escapará! *(Sae. Pouco depois entra Anna, examina a scena, vae ao conde, desperta-o; elle quer fallar; ella impõe-lhe silencio; leva-o ao subterraneo depois de abril-o.)*

CONDE

Santo Deos!... estou no antro dos salteadores!! *(Anna diz que sim. O conde apodera-se de uma pistola.)* Pelo menos vender-lhes-hei bem cára a minha vida! *(Anna vae á porta do fundo e abre-a.)* Mas tu, pobre mulher... o que será de ti?! *(Anna diz que o acompanha.)* Ah! sim fujamos sim! Deos nós guiará! *(Saem fechando a porta por fóra.)*

CHRISTINO

(Pouco depois.) Ah! tratantes... fugiram... (Ouve-se a  
detonação de tiros.) Foram enfim apanhados!... Pagaram  
com a vida!... O castigo não se fez esperar!

CAE O PANNO

## ACTO IV

O theatro representa uma scena de jardim. A' direita do actor o interior de um chalet. A' esquerda alta, um pavilhão. Ao fundo uma divisão de grades de ferro com portão, que separam o jardim da rua, junto á grade contigua ao pavilhão deve existir um banco de pedra, perto de uma arvore frondosa. Cadeiras e mezas de ferro ornam a scená, devem existir lampeões em diversos pontos para illuminar o jardim. E' dia.

### SCENA I

DUBOURG E MENARD

DUBOURG

Diz muito bem, Sr. Menard... Frederico tem uma esposa encantadora, uma senhora que possui todas as qualidades boas, um thesouro emfim... O diabo seria elle senão estivesse contente!

MENARD

Sem duvida! Mas se eu não tivesse incutido no meu

discipulo excellentes principios de juizo e moral, talvez, que mesmo amando muito sua mulher, não fosse tão morigerado como é. O Czar Pedro Grande, adorava a sua Catharina, mas isso não o impedia de ter amante; grande numero de principes tiveram concubinas, e eu tenho conhecido excellentes maridos que faziam roda as criadas, provavelmente pelo espirito de propriedade.

DUBOURG

Sabe o que lhe digo meu caro Menard? não apregoe tanto o juizo de Frederico! Se elle não houvesse por guia senão o senhor.

MENARD

Talvez que o senhor o houvesse guiado melhor... Sirva de exemplo a viagem que o senhor fez em character de barão de Potoscki.

DUBOURG

Cale-se com isso Sr. Menard... O melhor é esquecermo-nos d'essa viagem em que nós tivemos tanto juizo um como o outro. O que espero é que diante da senhora de Montreville não falle nunca da aventura da matta... nem d'aquella paixão de Frederico...

MENARD

Quem julga o senhor que eu sou? Sei muito bem que haveria n'isso uma grande inconveniência! *Non est hic locus*; e comtudo o Sra. de Montreville não poderia zangar-se com isso... Não tem nada com o que occorreu antes do casamento... E' uma senhora de muito juizo para que se não ria das loucuras que o marido tenha feito em solteiro.

DUBOURG

Apezar do seu juizo, ha cousas que uma senhora não sabe nunca com prazer, convem occultar o que possa fazer-lhe acreditar ter havido outra que possuiu o coração do marido. Uma senhora que casa com um mancebo sabe muito bem ter elle já conhecido o amor, mas apezar d'isso, persuade-se de que nunca amou ninguem antes d'ella ; quer ser a primeira que lhe deu a conhecer o mais vivo dos sentimentos, e portanto seria affligil-a tirar-lhe essa illusão.

MENARD

Percebo muito bem: é como um cozinheiro a quem deixamos acreditar que nunca comemos melhor macaroni do que o que elle faz.

DUBOURG

Exactamente ! o senhor assombra deveras com as suas comparações. Além d'isso supponho esta senhora susceptivel de se tornar ciumenta, porque ama realmente o marido a um ponto tal...

MENARD

O senhor tem razão. Houve já um dia em que me pareceu achal-a menos satisfeita do que de ordinario... affigurou-se-me que foi por ver o marido a acariciar um gato por mais de um quarto de hora...

DUBOURG

Ora o senhor não irá para o inferno com os seus gatos! Suspeitar uma tal tolice em Constança !

MENARD

O que? Uma tolice ! Mas ha homens que preferem o seu

cão á sua mulher; assim como ha mulheres mais amigas de seu canario que do marido... Olhe, conheci uma mulher que dormia com...

DUBOURG

(*Rindo.*) Está bem Sr. Menard... não conclua, porque tenho receio de algum disparate... Vamos concluir a nossa partida de dominó!

MENARD

Vamos... mas não puche mais por minha lingua. (*Suam pela direita alta.*)

## SCENA II

CONSTANÇA E MENARD

CONSTANÇA

(*Descendo as escadas do chalet.*) Frederico sem apparecer... Desde que perdi meu tio, é a primeira vez que se separa de mim... Bem sei que negocios que nos dizem respeito a isso o forçaram... amo-o tanto, que um instante que d'aqui se affasta, torna-se para mim um seculo!... Comquanto Menard e Dubourg, procurem meios de me distrahir e de tornar suave o meu isolamento, todavia não me sinto alegre... uma força extranha opprime-me o coração... (*Dirige-se para o pavilhão e senta-se.*) Ao menos d'aqui poderei avistal-o logo que appareça... (*Reparando.*) Quem é aquella pobre mulher... com que soffreguidão beija o filho... Parece muito afflicta... Ah! está chorando... Espere ahi... espere ahi... que eu vou lá a baixo (*descendo*) Sr. Menard... Sr. Menard... (*Vae ao portão buscar Anna e seu filho e tral-os, amparando Anna.*)

Venha cá... venha cá... Ande commigo... Pobre creança tão pallida... tão magrinha... Valha-me Deos! em que estado se acha esta desgraçada mãe!... Sr. Menard...

MENARD

*(Apparecendo.)* Aqui estou minha senhora.

CONSTANÇA

Ampare-a... ajudemol-a a andar... *(Sentam-n'a.)* Pobre mulher! Que dó me causa! Será possível meu Deos, que haja gente tão desgraçada!

MENARD

Se é possível, minha senhora! Infelizmente é...

CONSTANÇA

Repare, Sr. Menard, tão nova ainda, e já tão digna de lastima! E tem uma physionomia tão docil... umas feições tão me... . Pobre mulher! Diga-me de onde é que vem? O que menciona fazer agora? *(Pausa.)* Não me responde? *(Anna leva as mãos aos labios e abanando tristemente a cabeça dá a entender que não póde fallar.)* Jesus!... não póde fallar... desgraçada! E sosinha com o filho, sem dinheiro, sem guia, sem poder se quer pedir que lhe ensine o caminho! E' demais! E' desgraça... realmente excessiva!

MENARD

*(Puchando o lenço para limpar os olhos.)* Com effeito... E depois a falla é das cousas essencialmente necessarias no curso da vida... E' como uma rapoza sem cauda, uma borboleta sem azas, um peixe sem barbatanas...

CONSTANÇA

(*Que tem já segura do no menino.*) Veja, Menard... Que lindo que é... que formosos olhos... Isto é por força illusão, mas affigram-se-me os olhos de meu marido !

MENARD

Do meu discipulo?! Parece-me difficil que uns olhos de uma creança se pareçam com uns de vinte e tres !

CONSTANÇA

Pobre creança! O que sei é que já lhe sou muito amiga... Quem me dera ter um assim.

MENARD

Deixe o tempo ao tempo, minha senhora! Sára tinha 90 annos quando deu á luz Isaac... Lembre-se de que tem a diante de si um tempo enorme.

CONSTANÇA

Sabe ao menos escrever... (*Anna pareceu ref<sup>er</sup> . . .*) Que pena! .. desejava saber o nome d'esta linda creança. *Anna depois de meditar, segura no braço de Constança, dirige-se a uma arvore, arranca uma folha, depois voltando, escreve com ella na arêa o nome de Frederico.*)

CONSTANÇA

Frederico! O que! Pois o seu filho chama-se Frederico? Agora conheço que lhe hei de ser muito mais affeioada... Frederico! E' o nome de meu marido! Não acha isso singular, Sr. Menard.

MENARD

Não me parece que seja cousa extraordinaria. Bem sabe

que ha grande quantidade de Pedros, de Paulos, de Martinhos; é possível que haja tambem grande numero de Fredericos. Eu não tenho noticias senão de um nome que se tornasse vulgar, é aquelle que Plutão inventou: Thesauro—Chysologo—Chrysidés.

## CONSTANÇA

Eu quero que meu marido logo que chegue, veja este menino... (*Pegando na mão de Anna.*) Diga-me: aonde ia com seu filho?... Não sabe! Pobre mulher! . . já não tem pai nem mãe... E o pai d'este menino, seu marido, porque é que não está comsigo?... Chora!... E' horrivel! Sempre é preciso ter bem máo coração!... Mas console-se; enxugue as suas lagrimas, que eu é que a não abandono... Ha de ficar em minha casa, occupará aquelle pavilhão, hei de ensinal-a a trabalhar, e mandarei educar seu filho debaixo de suas vistas. Meu marido tem muito bom coração, é generoso e sensivel, tenho certeza de que me não censura por isso. Não chore... não chore mais... não receie pelo seu filho... D'aqui em diante nunca mais será presa da miseria. (*Anna ajoelha-se.*) Veja, veja Menard... a deitar-se-me aos pés e a beijar-me as mãos como se eu fosse um Deos! De que serveria a riqueza, se com ella se não praticasse algum bem?

## MENARD

Exercer a caridade, é um dos preceitos do Evangelho; infelizmente nem todos a praticam como lh'os vejo praticar.

## CONSTANÇA

Mas já é tempo de reparar as forças d'estes infelizes... Sr. Menard, leve-os para dentro... minha criada que se encarregue d'esse trabalho, ministrando-lhes tambem o necessario

para mudarem de traje... (*Menard leva-os.*) Está combinado... occuparão o pavilhão... Meu marido queria fazer d'alli gabinete de leitura; mas tenha paciencia, que estude no seu quarto... Alli poderá ella estar a vontade, terá o filho consigo, podendo sem encommodar ninguem passear no jardim... Quanto mais a olhava, mais me admirava que a tivessem podido abandonar... Tem umas feições tão delicadas, uns olhos tão meigos, tão lindos... Que bem que deve ficar com outro vestuario!... Agora ha de parecer-me menos longa a ausencia de Frederico... Conheço que o melhor meio de nos distrahir-mos dos nossos pezares é aliviarmos os alheios. (*Menard apparecendo.*) Então Sr. Menard, que tal a acha?

MENARD

Confesso, minha senhora, que a acho completamente mudada.

CONSTANÇA

E' que com o outro fato não lhe vira senão a sua miseria, sem lhe notar a belleza das feições.

MENARD

F' certo que a desgraça desfeia consideravelmente... E depois a elegancia a tudo augmenta os encantos. Não se janta tão bem quando a toalha está suja, e o vinho, mesmo o mais ordinario, parece excellente. bebido por um copo de crystal.

### SCENA III

OS MESMOS E DUBOURG

CONSTANÇA

(*Vendo-o*) Seja muito bem apparecido. O Sr. tinha pro-

mettido a Frederico vir fazer-me uma visita durante a sua ausencia ; mas já principiava a zangar-me por ver que não cumpria a sua promessa.

DUBOURG

Eu, minha senhora, não sou dos amigos que tem a pretensão de fazer esquecer os maridos, mas se acaso posso causar-lhe a minima distracção aqui estou prompto até o trimestre e mesmo todo anno, se fôr prestavel para o que quer que for.

CONSTANÇA

Vem achar uma novidade... Tenho uma pessoa commigo... Na ausencia de meu marido tomei um conhecimento...

DUBOURG

Realmente ! Do que eu tenho toda a certeza, é de que deve agradar a seu marido.

CONSTANÇA

Eu tambem o espero.

MENARD

Meu caro Dubourg, o que a senhora não lhe diz, é que recolheu em sua casa uma pobre mulher com um filhinho, porque não gosta de se gloriar do bem que faz.

CONSTANÇA

Ora, cale-se, Menard ! Então a pobre creatura não merece tudo que lhe tenho feito ?... Acaso poderia eu empregar melhor os meus beneficios?... Coitada!... Verá Dubourg, como é bonita e interessante... E o filho ?... Uma creança que é mesmo um encanto !

DUBOURG

Ah! tem um filho ?

CONSTANÇA

Tem... E eu estou certissima de que o senhor ha de lhe achar a mesma semelhança que eu lhe acho... Mas quero que confesse sem eu lh'o dizer... Vou busca-la. (*Sae.*)

DUBOURG

Que adoravel senhora !... que feliz que deve julgar-se o Frederico... E com tudo anda já em digressões.

MENARD

Então que quer; bem sabe que os interesses da casa estão em primeiro logar... Vá lá uma pitada.

DUBOURG

(*Rindo.*) Da caixa do rei da Prussia...

MENARD

(*Rindo tambem.*) Já sei, já sei... O meu discipulo herdou por sua mulher varias propriedades, e foi conhecer o que é seu.

DUBOURG

Porque não levou a mulher comsigo? Suppõe que ella não gostaria de o acompanhar?

MENARD

Eu não digo isso... Elle é muito bom moço... O senhor continua acaso a encaral-o pelo mesmo lado de outr'ora?

DUBOURG

Um! Deos queira que a tal excursão não occulte algum mysterio...

MENARD

O' homem, eu já lhe disse que o meu discipulo foi ver as suas propriedades...

DUBOURG

Vamos ter com a Sra. de Montreville, que estou com curiosidade de ver a sua protegida... (*Vão sahir, quando apparece Constança com o pequeno e Anna, esta logo que vê Dubourg, apodera-se-lhe de um braço, fitando-o com anciedade: Dubourg fica estupefacto.*)

CONSTANÇA

(*Reparando.*) Valha-me Deos! Que tem ella! Que effeito a sua presença lhe causou! Repare como olha para o senhor... Parece interrogal-o... Parece fallar com os olhos. Conhece-a?

DUBOURG

Eu... eu... não, minha senhora. Quero dizer, via-a n'outro tempo... Mas era differente do que vejo agora. Este traje... a creancinha... realmente não a conhecia!

CONSTANÇA

Ah! conhece-a? Mas o que lhe quererá agora? 'Não poderá o senhor advinhar o que parece interessal-a tanto?

DUBOURG

Agora é que me parece que principio a comprehender... Conheço o seu amante... e provavelmente pede-me noticias d'elle...

CONSTANÇA

Mas emfim responda-lhe... Veja como tem os olhos arrasados de lagrimas...

DUBOURG

Infelizmente... não tenho noticia nenhuma boa para lhe dar... O seu seductor foi para paiz estrangeiro, e de certo não a torna mais a ver... (*a Anna*) por isso deve fazer a diligencia de se esquecer d'elle... (*Anna deixa pender a cabeça e começa a chorar.*)

CONSTANÇA

Pobre rapariga! ainda o ama... Parece impossivel haver quem abuzasse de sua innocencia!

DUBOURG

·Era um rapaz pintor... qué então andava viajando para se instruir... Procurando sitios apropriados para estudo, encontrou a irmã Anna... Porque é assim que ella se chama... Supponho que é filha de gente do campo... emfim, o tal amigo vio-a, apaixonou-se por ella... e d'isso resultou esta creança... E' tudo quanto sei porque não vi a pobre rapariga senão uma vez andando a passear com o amante.

CONSTANÇA

Que é muitissimo culpado a meus olhos! Os senhores todos costumam tratar estas cousas levianamente! Seduzir uma mulher, abandonal-a em seguida, não é em seu entender mais do que uma estroinice da mocidade, e de que até muitas vezes se gloriam!

DUBOURG

Eu, por mim, posso lisongear-me de que nunca seduzi ninguem.

CONSTANÇA

Eu fallo em geral; e estou certa de que o Frederico ja-

mais seguio o exemplo de tantos estouvados ! Veja as consequencias terriveis que podem ter taes desvairamentos ! Esta pobre rapariga abandonou de certo seus pais para occultar sua vergonha. Sem recursos, e privada de um orgão tão necessario na vida, entrou a divagar ao acaso pelo campo... pela cidade... presa de todos os horrores da penuria ! O que terá soffrido esta desventurada ! Se a visse, quando a recolhi, sentir-se-hia compadecido... A sua presença agora renovou-lhe o pezar, recordando-lhe o seu seductor... Vou affastal-a d'aqui, afim de consolal-a, comquanto saiba que não ha consolação para taes pezares. Se Frederico me esquecesse, poderia enter um só instante de ventura ? . Venha commigo... lembre-se de que tem um filho que precisa de seus cuidados. (*Saem.*)

DUBOURG

Está tudo perdido, Sr. Menard.

MENARD

O que é que está perdido !... Temos outra carruagem do rei da Suecia, ou alguma caixa de rapé do rei da Prussia ? Bem deve suppor que não torno a cahir.

DUBOURG

Deixe lá essas loucuras, homem !... O caso é gravissimo ; trata-se da felicidade, do repouso de Frederico e de sua esposa...

MENARD

Eu cá aposto que nada d'isso é verdade... é algum maranhão...

DUBOURG

C'os demonios ! Pois o senhor deixa que a Sra. de Montreville receba e aloje em sua casa...

MENARD

Quem homem?

DUBOURG

Quem! A mulher por quem Frederico fez mil loucuras; a que lhe deu volta ao miolo; e junto da qual viveu seis semanas n'uma matta... N'uma palavra, a irmã Anna, a mudasita da matta, é a mesma que Constança tem em sua casa.

MENARD

Ella?!... Mas eu nunca a tinha visto senão de relance! ignorava que fosse muda...

DUBOURG

Quando vem Frederico?

MENARD

Espera-se a todo o instante.

DUBOURG

Vamos tomar os atalhos que se dirigem a esta casa, e ponhamo-nos de sentinella; e assim que Frederico vier, prevenil-o-hemos do occorrido.

MENARD

Bem lembrado. (*Saem pela direita*).**SCENA IV**

CONSTANÇA E FREDERICO

CONSTANÇA

(*Sentando-se.*) Como é sublime exercer-se a caridade!...

Que jubilo não sentirá aquelle que reparte com o infeliz, o bocado de pão que a misericordia divina lhe concede!... Que felizes seriam as creaturas se mutuamente se soccorressem!... Acolhendo esta infeliz muda, tenho consciencia que cumpro um dever imposto pelas leis divinas e eternas... Sinto-me tão bem!... Ah! quizera que Frederico aqui estivesse, que compartilhasse d'esta alegria... mas está tão longe... (*Ajoelha-se.*) Meu Deos! se minhas supplicas tem força para que vos compadeçaes de mim, restitui-me Frederico; fazei com que elle volte para conforto de minha alma!... (*Vendo Frederico e correndo a abraçal-o, beija-lhe a fronte.*) Ah! Frederico... Frederico...

FREDERICO

Constança ! minha esposa !

CONSTANÇA

Não contava contigo... segundo tua carta, aguardava o teu regresso para mais tarde...

FREDERICO

Assim devia ser ; porém desde que concluí os meus negocios, não havia razão para demorar-me.

CONSTANÇA

Olha, na tua ausencia recolhi em nossa casa uma desgraçada. Tenho esperanza de que lhe queiras tanto como eu.

FREDERICO

Tudo o que tu fizeres, minha querida Constança, é muito bem feito, porque o teu coração não te póde aconselhar mal; tenho antecipadamente certeza de que empregaste bem os teus beneficios.

## CONSTANÇA

E' uma rapariga bem interessante... uma victima de amor ; e nós compadecemos-nos sempre de taes pezares ; o seu seductor abandonou-a com um filhinho encantador... por quem ando doida... E chama-se Frederico, como tu... Mas o que é que tens... estaes pallido... a tremer?

## FREDERICO

Isto é talvez o effeito da fadiga. A impaciencia de regressar... *(Senta-se e a olhar a roda de si, depois levanta-se.)* Mas essa mulher... e essa creança onde estão?

## CONSTANÇA

Estão no jardim... Mas lá vem ella... *(Indo buscar-a.)* Venha cá, minha querida amiga, já chegou meu marido... venha vel-o. *(Anna logo que vê Frederico solta um grito pungentissimo, precipita-se-lhe nos braços e perde os sentidos. Frederico com uma das mãos ampara Anna, cuja cabeça se lhe apoia no peito, e com a outra tapa os olhos. O filho está a seus pés, segurando na mão de Anna. Constança admira toda esta scena estupefacta. Momento de pausa.)*

## CONSTANÇA

Que teve ella ? Que significa o estado em que a poz a tua presença. *(Olhando.)* Responde meu Frederico .. Conheces esta rapariga ?...

## SCENA V

## OS MESMOS E DUBOURG

## DUBOURG

Desmaiada! algum accesso de delirio, aposto! Esta des-

venturada tem momentos em que perde a razão ! (*Olhando para Frederico fazendo-lhe signaes.*) E n'essas occasiões julga sempre ver o amante.

CONSTANÇA

Leve-a Sr. Dubourg... ajude-a Menard... (*Ambos seguram-n'a. Frederico agarra o filho, abraça-o, pondo-o de novo no chão.*)

FREDERICO

(*Diligenciando tornar-se senhor de si.*) Realmente não comprehendo o que occorreu... Mas eu fiquei de tal modo impressionado pelo estado d'esta desventurada, que mesmo não sabia o que fazia... (*Constança não cessa de olhar para Frederico e para o pequeno.*)

DUBOURG

(*A Frederico.*) Vê se tens coragem... Lembra-te de que é para seu bem que tens de enganar. (*Conduz Anna ajudado por Menard. Pausa. Frederico cae de joelhos aos pés de Constança; esta cobre a fronte com as mãos soluçando. Momento de silencio.*)

CONSTANÇA

Essa desventurada tem mais direitos ao seu amor do que eu... Este menino é seu filho .. (*Gesto de Frederico.*) Excusa negar... Sei já a verdade inteira... Não perdeu a razão, não... Achou o seu seductor, o pai do seu filho!... (*Encaminhando-se com o pequeno, Frederico quer seguil-a.*) Não me acompanhe... a sua presença far-lhe-hia muito mal. (*Em acção de sahir.*)

CAE O PANNIO

## ACTO V

A mesma scena do acto anterior. E' noite.

### SCENA I

#### CONSTANÇA E FREDERICO

*(Constança está sentada em profunda meditação. — Frederico junto ás escadas do chalet contemplando-a. Frederico desce á scena e vem cahir de joelhos aos pés de Constança debulhado em lagrimas.)*

#### CONSTANÇA

*(Erguendo-o.)* Que fazes?! Porque ajoelhas a meus pés? Para commigo não és culpado! Aos pés da que atraçoaste e abandonaste é que deverias ajoelhar. Eu não tenho direito de me queixar; a tua falta é commum a muitos homens. Conheceste essa infeliz antes de cazarmos... e ella tornou-se mãe... Ninguem verá no teu procedimento senão a coisa mais natural d'este mundo! Longe de te censurarem, todos te approvam talvez o teres esquecido uma mulher que não podia ser tua esposa. Eu comtudo, confesso, não te julgava semelhante aos estouvados que olham como acção meritoria fazer derramar lagrimas. Que funesta consequencia teve a tua

falta ! Não imaginas o que a desgraçada tem soffrido ! Presa da mais medonha miseria, estava a ponto de perecer á mingua quando eu lhe acudi . . e perecer tambem... com teu filho !... Ah ! Frederico, calculas acaso os remorsos a que a isso te condemnaria ?!... Choras... Sim, deixa correr essas lagrimas, que eu antes quereria perder o teu coração, de que julgar-te capaz de insensibilidade... (*Frederico beija-lhe as mãos.*) Ouve-me... Uma vez que tornaste a encontrar a mãe de teu filho, não debes mais abandonal-a. Se para isso te fiares de mim, assegurar-lhe-hei a sua sorte... Irá habitar n'uma casa que eu lhe comprarei em qualquer campo... Não lhe ha de faltar nada. O filho é um encanto, e quizera servir-lhe de mãe, mas seria crueldade separal-a d'elle. Mas pôde muito bem ser que este plano... Ah ! Frederico ! peço-te que sejas sinsero... que me deixes ler no intimo do teu coração... Para que sejas feliz, não ha sacrificio de que eu não seja capaz... juro-te que poderei supportar tudo, excepto o espectáculo das tuas saudades d'outr'ora. Se a amas... se ella te agrada ainda... ausentar-me-hei, não tornarás mais a ver-me e ficarás com a liberdade de conservares em tua companhia a mãe de teu filho !...

## FREDERICO

Deixar-te ! eu ! (*Cingindo-a ao coração.*) Ah ! Constança ! Pois podes crer que eu cessasse um só instante de te amar ! Não, juro-te que só tu possues o meu coração. Reconheço os meus erros, e quero assegurar a sorte de Anna, mesmo porque é esse o meu dever ; e como poderia eu, tornando a encontral-a, deixar de sentir vivissima commoção ! A creança, confesso-te que lhe quero muito, e que desejo fazer a sua felicidade, e nem poderá censurar-me por isso.

Approvo completamente os teus projectos... conheço a bondade do teu coração, a nobreza da tua alma. Quantas seriam que procederiam como tu! Faze o que entenderes; ordena, a irmã Anna que parta, que vá amanhã já...

CONSTANÇA

Amanhã!... Isso não, tão doente como está... Olha, enquanto ella aqui estiver... fugirás de a ver, a tua presença não pôde fazer-lhe senão mal... Promettes-me que não has de vel-a? é o unico sacrificio que te peço.

FREDERICO

Farei tudo que me ordenares...

CONSTANÇA

(*Abraçando-o.*) |Eu te agradeço... Agora vem commigo.  
(*Saem.*)

## SCENA II

DUBOURG E MENARD

DUBOURG

Vamos ter mudança em casa, Sr. Menard! Deos permitta que d'ahi resulte felicidade e alegria para todos.

MENARD

A fallar a verdade, a alegria fugio d'aqui... e mesmo o senhor, meu caro Dubourg, já não parece o mesmo que era.

DUBOURG

Eu tenho muitas esperanças com o regresso do pai de

Frederico, por conseguinte é impossível que não haja aqui grande alteração.

MENARD

Mas parece-lhe que não continuaremos a ter *beef-teackes*?

DUBOURG

Realmente o senhor não tinha nascido para viver em França, porém na Suissa, onde passa-se o dia 'a comer... Ora deixe-me... (*Sae pela direita alta, Menard acompanha-o.*)

### SCENA III

FREDERICO

(*Vem cautelosamente da direita alta; olha para todos os lados para ver se está só.*) Perdoa-me Constança, se transgrido tuas ordens... perdoa se venho ao menos contemplal-a e pela ultima vez de longe... Ella... a irmã Anna que tanto imperou em minh'alma... Ella... que é mãe de meu filho... (*Vae ao pavilhão.*) Céus!... eil-a que para aqui se dirige... (*Occulta-se atraz da arvore junto ao banco de pedra contiguo ao pavilhão. Anna apparece, vem sentar-se no banco, aperta o filho ao coração, olha para o chalet e começa a chorar.*)

FREDERICO

(*Cahindo de joelhos.*) Perdoa-me! (*Anna vendo-o, quer levantar-se e fugir, mas não teve forças. Frederico conserva-se de joelhos e supplicante; ella põe-lhe o filho nos braços e abraça-o tambem. N'este instante Constança que presenciou esta scena, não pôde conter-se, dá um grito de desespero e sae. Anna, ergue-se aterrada com o grito e foge com o filho.*)

FREDERICO

Ouvi um grito! (*Percorre o jardim e ao voltar, dá com Constança á porta do chalet e diz*): Ella!... (*Constança vem lentamente, aproxima-se de Frederico e dá-lhe um beijo na fronte.*)

FREDERICO

(*Aparte.*) Não vio nada...

CONSTANÇA

(*Contrafazendo-se.*) Venho dizer-te que mudei de resolução... Não vejo motivo para que esta rapariga saia d'esta casa... Está tão bem comosco!... A sua presença não póde desagradar-te... e a sua ausencia, pelo contrario, poderia dar-te grande pesar.

FREDERICO

Que estaes dizendo?!

CONSTANÇA

Não, não vae... Agora é inutil. (*Sae. Frederico pouco depois acompanha-a.*)

**SCENA IV**

CONDE

Que vida, meu Deos! Porque sinto um peso em minha alma, desde que apresentei meu filho em casa do general, favorecendo-lhe assim ensejo para alimentar um amor, que trouxe, como consequencia, a união de dous corações?! Porque com uma só palavra cortei a inclinação de meu filho, unicamente para satisfazer a vaidade de meu nome?! Desde que

meu criado disse-me que essa muda, a quem devo a vida, e que por um acaso fomos salvos, era aquella por quem o coração de Frederico tanto palpitava, maior tem sido o meu tormento!... Constança conserva-se triste, evitando encontrar-se com seu marido... Advinharia o segredo que tanto devemos occultar? Seria suprema fatalidade!... A infeliz muda acha-se aos cuidados de um casal, e para que estivesse ao abrigo da miseria, estabeleci-lhe uma mezada e diz-me a consciencia que tenho cumprido com o dever imposto a mim mesmo... Por esse lado estou tranquillo. (*Vae se dirigindo ao pavilhão e pára.*) Já me ia esquecendo... Este pavilhão está occupado por uma desgraçada e seu filho... Não lhes perturbemos o socego que tanto precisam. (*Apparece a irmã Anna com o filho, vê o conde, corre para elle e abraça-o chorando.*)

## CONDE

(*Admirado.*) A senhora aqui!... Quem foi que a recebeu n'esta casa?... Não sabe que a pessoa que a recebeu é esposa de Frederico .. de Frederico, seu amante... (*Anna faz signál que sim.*) Pois bem é necessario que não permaneça por mais tempo n'esta casa; a sua presença aqui seria mortal para a pessoa que a recebeu... Constança adora o esposo... occulta os tormentos que a devoram... De certo que não quererá lançar na sepultura quem lhe conservou seu filho! (*Anna faz um gesto expressivo, indicando que está prompta a tudo sacrificar por Constança*) Sim... é isso mesmo... Fugirá d'esta casa e d'este sitio esta madrugada... sem ver a sua bemfeitora... é forçoso que não torne a ver pessoa alguma d'esta casa... principalmente uma. (*Anna pende a cabeça e chora.*) O conde pega-lhe na mão.) Coitada! Sei muito bem que

## A IRMÃ ANNA

lhe afflige esta partida, mas é indispensavel que ella se effectue; em tal posição cada instante que passa é um crime. Arranco-a a estes logares... mas tenho o direito de ser se-vero !... E' o pai de Frederico que a senhora salvou do punhal dos salteadores, que lhe pede se sacrifique pelo repouso de seu filho... (*Anna ergue a cabeça, encara o conde, ajoelha-se erguendo as mãos supplices.*) Levante-se... levante-se (*erguendo-a e beijando-lhe na testa.*) Desventurada! Não poder eu restituir-lhe a felicidade!... Vou conduzil-a a uma casinha para sua residencia, e em que eu a rodeiarei de criados, que lhe hão de ser muito afeiçoados. Alli educará seu filho; eu irei muitas vezes participar do seu retiro; e dentro em pouco, tenho essa esperança, ter-se-lhe-hão restabelecido no coração a paz e o socego. (*Anna mostra que está satisfeita.*) Vamo-nos por conseguinte esta madrugada; ao amanhecer virei buscal-a, porque não desejo que ninguem nos persinta; esperar-nos-ha á porta do jardim uma caruagem. Na sua nova casa achará tudo o que precisar. (*Abraçando-a.*) Animo minha filha... Agora recolha-se no pavilhão: (*Conduz Anna e ao despedir-se beija a creança. Depois desce a scena, vendo Frederico á porta do chalet, pára.*)

### CONDE

Venho de estar com a pessoa alojada no pavilhão. (*Olhando o.*) Desgraçado! E' assim que correspondeste a tanto amor... a tantas virtudes?! Supportas que a que tu se juziste, viva sob o mesmo tecto que tua esposa?!

### FREDERICO

Não sou culpado.

CONDE

Logo, tua mulher está ao facto de tudo! Não ignora que és o seductor d'essa rapariga, e pai de seu filho... e quer que ella continue a habitar n'esta casa? !

FREDERICO

Sua primeira intenção foi affastal-a, conduzindo-a pessoalmente... mas depois não sei o que lhe fez mudar de idéa... já não quer que a irmã Anna vá !...

CONDE

Meu filho, esse procedimento é demasiado extraordinario para não ser resultado de algum motivo secreto ... Não é natural que uma mulher que adora seu marido, queira conservar junto de si a rival, ou pelo menos a que elle amou, e que ainda pode amar. Mas Constança tem uma alma capaz de tudo sacrificar... resolveu immolar-se á tua felicidade ! Deves acaso consentil-o? Não vês a mudança que se opera n'ella? .. occulta-te as lagrimas, mas não pôde occultar-te o sofrimento que lhe altera as feições... Não ha um só momento em que ella se não lembre de que estas sob o mesmo tecto que a mãe de teu filho... de que a pôdes ver, falar-lhe...

FREDERICO

Oh! não meu pai?!

CONDE

Quero acreditar-te; mas a posição de tua mulher é cruel... De amanhã em diante deixará a tua victima de estar proxima de ti.

FREDERICO

O que... meu pai?!

CONDE

Reprovarás acaso minha resolução?

FREDERICO

Eu... não meu pai... Conheço muito bem quanto lhe devo... Desnecessario é recommendar a desventurada rapariga .. e meu filho...

CONDE

Sei o que devo fazer... E depois julgas acaso que essa póbrea creatura me seja indifferente? que seu filho não tenha o minimo direito sobre a minha alma?! Suppões que o meu coração, por não estar já sugeito ás paixões ardentes da mocidade, esteja gelado para todos os sentimentos?! Deixa-me restituir a paz e o repouso a tua mulher... Restitui-lh'a-tu, se podes, a felicidade, redobrando de carinhos e de amor para com ella .. E' assim, Frederico, que poderás apagar a tua falta, e pagar-me o que tenciono fazer em favor da irmã Anna e de seu filho...

FREDERICO

*(Ajoelha-se e beija-lhe as mãos.)* Ah! meu pai.

CONDE

*(Erguendo-o.)* Vamos, não chores... O teu logar não é mais aqui... é aos pés de tua mulher... Anda. *(Saem. Momento de silencio. Pouco depois apparece Anna; vem cabisbaixa; aproxima-se do chalet, faz um signal com as mãos, como quem se despede, cae de joelhos, leva as mãos aos*

olhos, e rompe n'um choro prolongado... Momentos depois o scenario começa a ficar muito claro, denotando o apparecimento de incendio no pavilhão. Anna ergue-se, contempla ainda o chalet, dá como clarão, olha para todos os lados e assim que vê que o clarão vem do pavilhão, dá um grito agudo e corre para elle. Anna apparece á porta do pavilhão com as vestes, parte em chamas, e no auge do desespero, e da lucta em que se vê para salvar o filho, faz um esforço e por fim brada:) Frederico vem salvar teu filho! (entra no pavilhão. Vozes dentro: Fogo no pavilhão! Fogo! N'este momento apparecem: Frederico, Constança, Conde, Dubourg, Menard e criados).

CONSTANÇA

Onde vaes?

FREDERICO

Não vês... Vou salvar-os... (*Surdina na orchestra. Frederico entra no pavilhão, trax anna e o filho nos braços, até a scena. Senta-n'a, Dubourg segura-lhe na cabeça, Constança tem a creança nos braços, Frederico e conserva-se de joelhos.*)

ANNA

Meu querido filho (*beija-o. Todos ficam admirados ouvindo-a fallar.*) Oh! meu Deos!... não estou sonhando, não, restituiste-me a palavra!... A! Frederico, que já poderei dizer quanto te amava... e quanto te amo ainda!... Perdoe-me, minha senhora... Conheço que não gozarei por muito tempo d'esta ventura... O que passei hoje extinguiu-me as forças... morro... mas o meu filho está salvo!... Ah! não me lastimem!

Porque choram?... Eu não podia ser feliz... porém morro mais tranquilla... guarde-o, que está tão bem nos seus braços! Sirva-lhe de mãe... Adeus Frederico... adeus Sr. conde... Perdoe-me por tel-o amado tanto!... (*Lança um derradeiro olhar para Frederico; indica com o dedo o filho e sorrindo, fecha os olhos para sempre.*)

CAE O PANNO

---



## Lista dos Srs. subscriptores

Antonio Eduardo Pereira Neves.  
Major Antonio Henriques de Miranda e Silva.  
Antonio Domingues de Seixas.  
Antonio Luiz da Costa Couto.  
Antonio Lacerda.  
Antonio Mariano Nicoll.  
Coronel Antonio Joaquim da Silva Fontes.  
Antonio Rodrigues Lisboa.  
Tenente-Coronel Antonio José da Silva Brandão.  
Coronel Antonio Justino Deschamps Cunha.  
Capitão Antonio Joaquim da Silva Borges.  
Tenente Antonio Gonçalves de Mattos.  
Capitão Antonio Columbiano da Silva Coimbra. •  
Capitão Antonio Marcellino de Souza Mattos.  
Antonio Onofre Soares.  
Capitão Antonio Emilio Pereira da Cunha.  
Tenente Antonio Jorge Ferreira da Costa.  
Antonio Joaquim Pereira Soares.  
Tenente Alvaro Martins de Seixas.  
Tenente Alberto de Carvalho Jordano.  
Alexandre Ribeiro de Oliveira.  
Alfredo Ribeiro de Souza Miranda.

Major Aureliano Maximo Barboza.  
Agostinho Maximo de Souza Barradas.  
Alexandre Klier Magallar.  
Augusto de Souza Lobo.  
Affonso Sampaio Lima Vianna.  
Albino Teixeira da Silva.  
Tenente Armando Fluviano de Souza e Silva.  
Dr. Arthur Noronha de Oliveira.  
Arthur Pinto Ribeiro Duarte.  
Alfredo Lino Maciel Azamor.  
Alvaro da Silva Machado.  
Alcibiades Diniz Cordeiro.  
Tenente Alfredo Julio Dias da Silva.  
Arthur Barrius da Cunha.  
A. A. Lima Macedo.  
Bernardino Martins Ferreira de Faria.  
Tenente-Coronel Belarmino Ferreira da Silva.  
Bento Nunes Pinto Rosca  
Bemvindo Luiz da Rocha.  
Carlos de Lacerda.  
Alferes Carlos Breves.  
Candido Augusto de Almeida Franco.  
Dr. Casemiro de Campos.  
Cicero Heredia.  
Dr. Dyonisio da Costa e Silva.  
Capitão Domingos Itacolomy Guanabara Ferreira.  
Domingos Gonçalves de Siqueira Sobrinho.  
Ernesto Pimentel do Vabo.  
Eloy de Lima.  
Emilio E. R. Coelho.  
Francisco Corrêa Garcia.

---

Francisco de Paula Oliveira.  
Tenente Francisco Bernardes Pereira de Figueiredo.  
Major Francisco da Cunha Telles  
Francisco José da Trindade.  
Francisco Luiz Coelho.  
Francisco Xavier de Souza Guimarães.  
Francisco Nobre de Almeida.  
Francisco Xavier Lopes.  
Francisco Antonio da Costa Arêas.  
Francisco Joaquim Gomes.  
Tenente Fidelis dos Santos Amaral.  
Florindo de Souza Siqueira.  
Tenente Fausto Pinto Coelho.  
Dr. Floresta de Miranda.  
Capitão Gratulino de Araujo Costa.  
Dr. Geraldo Candido Martins.  
Gervasio Ferreira da Costa.  
Hildebrando de Araujo.  
Tenente Horacio de Almeida.  
Dr. Hermano Bittencourt Junior.  
Tenente-Coronel Isaias da Costa Guimarães.  
Dr. Ismael Torres de Albuquerque.  
José Antonio Ribeiro Leite  
José dos Santos Guimarães  
José Galdino de Carvalho  
José Maria Barbosa  
Tenente José Carlos da Costa Velho.  
Tenente José dos Santos Porto Brasil.  
Tenente José de Alemcastro.  
Tenente José Martins de Oliveira.  
Dr. José Clemente Gomes.

Ruy Pimentel do Vabo.  
Tenente Silvestre de Oliveira Camara.  
Serafim Borges de Carvalho.  
Tertuliano Teixeira da Nobrega.  
Thomaz Americo Travassos.  
Padre Valentim Sarli.  
Capitão Victor Prospero David.  
Vicente Gomes da Silva Junior.  
Vasques de Queiroz Carreira.  
Xisto Bahia.  
Zoroastro A. N. de Macedo.

---

## ERRATAS

---

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
5	23	enfermos	infernos
10	17	geito	gesto
11	6	Polomia	Polonia
11	7	Polomia	Polonia
17	14	aliós	aliás
22	4	inpingio	impingio
33	8	edifiante	edificante
39	3	admiradissimo	admiradissima
50	10	morres	morre
50	18	distribui	distribue
76	29	poderá	poderás

